



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Trabalhadores em tempos de pandemia

Israel Aparecido Gonçalves e Aline Prado Atassio (Orgs)



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Trabalhadores em tempos de pandemia

Volume VII da Seção de Pesquisas na América Latina da Coleção de
livros Humanas em Perspectiva

Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T759	Trabalhadores em tempos de pandemia - Volume I. / Israel Aparecido Gonçalves, Aline Prado Atassio. – João Pessoa: Periodicojs editora, 2021. E-book: il. color. E-book, no formato ePub e PDF. Inclui bibliografia ISBN: 978-65-89967-25-5 1. Trabalhador. 2. Pandemia. I. Gonçalves, Israel Aparecido. II. Atassio, Aline Prado. III. Título
------	--

CDD 616

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Pandemia - 616

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Seção de Pesquisas na América Latina da
Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Prefácio



Recebi, com alegria, o convite dos Professores e Pesquisadores Aline Prado Atassio e Israel Aparecido Gonçalves para apresentar a presente obra intitulada: *Trabalhadores em tempos de pandemia*, uma coletânea de artigos resultado de pesquisa direcionada para a reflexão a respeito dos efeitos causados pela Pandemia de COVID-19 nas relações de trabalho e na própria vida dos trabalhadores em sociedade. A obra foi composta por sete artigos que discutiram através de profundas reflexões sobre os mais diversos aspectos da pandemia e suas consequências para a humanidade.

O primeiro artigo de autoria de Daniel Gobato Röhm e Marcelo Alexandre Tirelli trouxe uma reflexão sobre o Covid-19 como doença ocupacional a partir da ótica prevencionista tendo como balizadores para a essa afirmação a existência de umnexo causal e quantificação do risco de contágio da doença para o indivíduo que se expõe em virtude da necessidade de trabalhar presencialmente ou seja, sem a possibilidade de contar com a proteção inerente ao home office que se tornou regra para a maioria das pessoas nesse período.

A seguir, Josileide Aparecida Bezerra, Marciana Fernandes Moll e Bruna Fernanda Monteiro de Barros escreveram sobre o papel e o trabalho da enfermagem em tempos de pandemia e levantaram um debate de extrema relevância: a superexposição da categoria versus a luta pelo reconhecimento de direitos e representação trabalhista, com destaque para pontos como o piso salarial, local digno de descanso durante as jornadas de trabalho, aposentadoria por tempo de atuação, insalubridade, contribuição por tempo de serviço e doenças laborais. As autoras convidaram os leitores a



Trabalhadores em tempos de pandemia

refletir sobre a realidade do trabalho dos profissionais da enfermagem que apesar da fragilidade das condições de trabalho precisam oferecer a toda sociedade excelência no atendimento, sobremaneira em tempos obscuros onde se agravaram ainda mais tais desafios como tem sido durante a pandemia do novo coronavírus.

O terceiro texto tratou dos dilemas enfrentados pelos professores ribeirinhos brasileiros no período pandêmico com um recorte para a realidade dos professores do Município de Porto Walter-Acre no interior da Amazônia. Escrito por Maria Aldenora dos Santos Lima, Gizeli Fernandes Sessa Mendonça e Israel Aparecido Gonçalves o estudo trouxe uma abordagem qualitativa, com pesquisa feita a partir da aplicação de um questionário presencial, aplicado aos professores de uma turma matriculados no Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica - PARFOR na disciplina de História I Ministrada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre-UFAC no Município de Porto Walter - Acre. O estudo afirmou que esses trabalhadores, que são professores e ao mesmo tempo estudantes do curso de Pedagogia de um programa de formação de professores, também foram impactados com a COVID-19 de forma pessoal e acadêmica, porque passaram um ano e seis sem estudar em virtude da pandemia, pois em suas localidades não há acesso à internet. Logo, a pesquisa procurou avaliar e ponderar os impactos negativos e as possíveis evoluções alcançadas no sistema educacional da região com a adoção de novas metodologias digitais de educação mesmo diante da escassez do acesso à internet.

A próxima reflexão trazida pelos pesquisadores Ana Lúcia Bertolino Muneratti, Luiz Alberto Bardal e Vera Lúcia Bertolino Gonçalves voltou o olhar para o relato de mulheres a respeito da sobrecarga por elas enfrentada no contexto pandêmico com destaque para a rotina diária exaustiva já inerente ao universo feminino no que tange às tentativas de equilíbrio entre vida profissional e



Trabalhadores em tempos de pandemia

pessoal, dupla, às vezes tripla jornada e a inquestionável violência doméstica que aumentou assustadoramente na pandemia.

Aline Prado Atassio e Israel Aparecido Gonçalves escreveram o quinto artigo após uma extensa pesquisa sobre a educação brasileira nos anos de 2020 e 2021. Eles abordaram as transformações ocorridas no ensino e tecnologias digitais utilizadas durante a pandemia de covid-19. Foram analisadas as propostas, os entraves e as soluções para a educação à distância e o sistema híbrido mais utilizadas em tempos de pandemia de covid-19, suas potencialidades, possibilidades e suas implicações.

O sexto artigo abordou o estresse no trabalho e a síndrome Burnout no período pandêmico, em 2020: Uma análise dos trabalhadores da enfermagem e dos professores no Brasil. Escrito por Jheniffer Paloma Soares Dias e Israel Aparecido Gonçalves o artigo abordou de modo direcionado os fatores ensejadores do esgotamento que causa a referida síndrome.

Por fim, o último artigo trouxe uma visão esperançosa, uma oportunidade para recomeçar. Aqui o autor, Samuel Alberto Cardoso abordou o impacto da pandemia nas artes, na educação, nas empresas e finalizou abordando as oportunidades de recomeço.

Sem dúvida uma obra de grande valia que nos apresenta uma oportunidade importante de reflexão sobre a pandemia através destes estudos profícuos. Isso porque, a partir da leitura dos mesmos foi possível constatar o objetivo claro dos autores de aliar o impacto das consequências existentes pelo momento enfrentado. Restou clara a intenção dos autores com a coletânea: proporcionar aos leitores uma reflexão profunda sobre o impacto do COVID-19 na seara dos Direitos Fundamentais, na Educação, na reestruturação das relações, enfim, na nossa sociedade com vistas a contribuir de forma crítica, do ponto de vista acadêmico, com propostas de reestruturação a partir dos resultados



Trabalhadores em tempos de pandemia

encontrados nos grupos avaliados.

Aline Ouriques Freire Fernandes

Doutora em Função Social do Direito e Acesso à Justiça nas Constituições pela FADISP – Faculdade Autônoma de Direito – São Paulo. Professora titular do Mestrado Profissional em Direito e Gestão de Conflitos e da graduação em Direito da UNIARA-Universidade de Araraquara. Pesquisadora na FUNADESP. Advogada.



Sumário



Capítulo 1

COVID-19 COMO DOENÇA COUPACIONAL: NEXO CAUSAL E QUANTIFICAÇÃO DO RISCO DE CONTÁGIO

Daniel Gobato Röhm, Marcelo Alexandre Tirelli

10

Capítulo 2

O TRABALHO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA: ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Josileide Aparecida Bezerra, Marciana Fernandes Moll, Bruna Fernanda Monteiro de Barros

26

Capítulo 3

DILEMAS DE TRABALHADORES (AS) EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS

Maria Aldenora dos Santos Lima , Gizeli Fernandes Sessa Mendonça, Israel Aparecido Gonçalves

40

Capítulo 4



8



Trabalhadores em tempos de pandemia

A SOBRECARGA FEMININA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Vera Lúcia Bertolino Gonçalves, Luiz Alberto Bardal, Ana Lúcia Bertolino Muneratti

52

Capítulo 5

ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: PROPOSTAS, ENTRAVES E SOLUÇÕES

Aline Prado Atassio, Israel Aparecido Gonçalves

64

Capítulo 6

O ESTRESSE NO TRABALHO E A SÍNDROME BURNOUT NO PERÍODO PANDÊMICO, EM 2020: UMA ANÁLISE DOS TRABALHADORES DA ENFERMAGEM E DOS PROFESSORES NO BRASIL

Jheniffer Paloma Soares Dias, Israel Aparecido Gonçalves

75

Capítulo 7

UMA OPORTUNIDADE PARA RECOMEÇAR

Samuel Alberto Cardoso

95



9



**COVID-19 COMO DOENÇA COUPACIONAL: NEXO
CAUSAL E QUANTIFICAÇÃO DO RISCO DE CON-
TÁGIO**

**Capítulo
1**

COVID-19 COMO DOENÇA COUPACIONAL: NEXO CAUSAL E QUANTIFICAÇÃO DO RISCO DE CONTÁGIO

Daniel Gobato Röhm ¹

Marcelo Alexandre Tirelli²

INTRODUÇÃO

As Doenças Ocupacionais sempre estiveram presentes no cotidiano das empresas e dos trabalhadores e, para sua comprovação, onexo causal sempre foi a vertente decisiva. Porém, nas condições até antes da pandemia de COVID-19, os riscos eram observados somente diante dos ambientes de trabalho. Assim, se um trabalhador desenvolve suas atividades com sílica, ficaria claro que caso ele desenvolvesse silicose, haveria onexo causal. Em tempos de uma pandemia, como a da COVID-19 essa condição mudou. O risco existe para quem está na linha de frente no combate e tratamento à COVID-19, mas também para quem utiliza o transporte público com o objetivo de deslocar-se para trabalhar.

A partir da visão prevencionista para a área ocupacional, utilizou-se uma ferramenta de análise de risco para determinar o índice de risco de contágio (IRC) dos trabalhadores de serviços essenciais durante a pandemia. Esta ferramenta envolve variáveis como LO (probabilidade de ocorrência), FE (frequência de exposição) e NP (número de pessoas afetadas).

1 Engenheiro de Segurança do Trabalho pela Escola Politécnica da USP, Mestre em Engenharia Urbana (UFSCar), Engenheiro de Segurança do Trabalho (Escola Politécnica da USP), Especialista em Geoprocessamento de Dados e Geoprocessamento Ambiental (UFSCar) e Engenheiro de Produção (UNIARA).

2 Pós Doutor, Doutor e Mestre em Engenharia de Materiais, Pós Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho, Higiene Ocupacional, MBA em Gestão Ambiental. Professor e Coordenador do curso de Engenharia de Produção (Faculdade São Bernardo - FASB).



Trabalhadores em tempos de pandemia

Dada a condição de subnotificação e baixo índice de testagem em nosso país, estas duas questões contribuem diretamente para que o IRC seja ainda maior. A quantificação de riscos foi realizada dentro de atividades essenciais, tais como os setores dos profissionais de saúde (médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da área hospitalar), utilização de transporte público para chegar até o trabalho, trabalhadores de farmácias, supermercados, bancos e lotéricas, postos de combustível, atividade de moto-entrega, trabalhadores em home-office e por fim a ação da não utilizar a máscara de proteção, atividades estas que expõem os trabalhadores à condição de risco de contágio.

Assim, o objetivo deste trabalho é aplicar uma ferramenta de análise de riscos como artifício para constatar a existência donexo causal entre o trabalho e a enfermidade provocada pela COVID-19.

REFERENCIAL TEÓRICO

Doenças Ocupacionais

De acordo com a Lei n. 8.213 de 24 de julho de 1991, doença ocupacional ou profissional é definida como a enfermidade produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar a determinada atividade e constante da relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social.

Lopes e Bertagni (2019) ressaltam que as doenças ocupacionais eram conhecidas também como “ergopatias”, “tecnopatias” ou “doenças profissionais típicas”.

Dada a sua tipicidade, exigem comprovação do nexode causalidade com o trabalho. Há uma presunção legal nesse sentido.

Por sua vez, as doenças do trabalho, também chamadas de “mesopatias”, ou “moléstias profissionais atípicas”, são aquelas desencadeadas em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacionem diretamente. Decorrem igualmente de microtraumatismos acumu-



Trabalhadores em tempos de pandemia

lados. Contudo, por serem atípicas, exigem a comprovação do nexo de causalidade com o trabalho, via de regra por meio de vistoria no ambiente laboral (art. 20, II).

Enquanto as doenças profissionais resultam de risco específico direto (característica do ramo de atividade), as do trabalho têm como causa ou concausa o risco específico indireto. Assim, por exemplo, uma bronquite asmática normalmente provém de um risco genérico e pode acometer qualquer pessoa. Mas, se o trabalhador exercer sua atividade sob condições especiais, o risco genérico transforma-se em risco específico indireto.

Doenças ocupacionais na atualidade e o nexo causal

Lopes e Bertagni (2019) ressaltam ainda que constatada a diversidade de moléstias e a possível relação com o trabalho, por meio da Lei n. 11.430/2006, modificada pela Lei Complementar 150/2015, incluiu o art. 21-A na Lei n. 8.213/91, prevendo que a “perícia médica do INSS considerará caracterizada a natureza acidentária da incapacidade quando constatar ocorrência de nexo técnico epidemiológico entre o trabalho e o agravo, decorrente da relação entre a atividade da empresa ou do empregado doméstico e a entidade mórbida motivadora da incapacidade elencada na Classificação Internacional de Doenças – CID.

O § 2º do art. 20 ainda contempla uma terceira categoria de doença, ao dispor:

“Em caso excepcional, constatando-se que a doença não incluída na relação prevista nos incisos I e II deste artigo resultou das condições especiais em que o trabalho é executado e com ele se relaciona diretamente, a Previdência Social deve considerá-la acidente do trabalho”. Estamos diante de uma variante da doença do trabalho do inciso II desse mesmo artigo. Difere daquelas previstas no supracitado inciso, porque estas não constam do anexo II do Regulamento nem de nenhuma lista do Ministério da Previdência Social, nem



Trabalhadores em tempos de pandemia

do Ministério da Saúde. A justificativa é que há uma relação direta com as condições especiais em que é executado o trabalho.

A relação doença ocupacional e COVID-19.

De acordo com Cabral et al (2018), a análise donexo causal envolve na sua determinação uma série de fatores de ordem ideológica, ética, legal e humanística e três elementos são essenciais:

- 1) o diagnóstico do agravo à saúde, doença, ou sequela com dano físico ou mental;
- 2) a presença no ambiente de trabalho de riscos ocupacionais capazes de causar o agravo à saúde; e
- 3) o estabelecimento da relação entre o agravo apresentado e o ambiente de trabalho, ou seja, onexo causal.

Embora se fale genericamente emnexo de causalidade com o trabalho, ao se analisar a relação de um acidente ou doença laboral com o trabalho, devem ser considerados diferentes e sucessivos nexos parciais:

I – Nexo entre a “atividade e a exposição ao risco”: exige que se demonstre que determinada atividade expõe o operador a determinado risco;

II – Nexo entre o risco e a lesão: deve-se demonstrar que determinado risco causa determinada lesão;

III – Nexo causal entre a lesão e a alteração funcional: deve ser analisada a compatibilidade entre a lesão e a alteração funcional (quando a lesão causa alteração funcional específica).

Tendo por referência a legislação brasileira, onexo entre o sinistro laboral e o trabalho deve ser estabelecido com base no artigo 19 da Lei 8.213/1991, atendendo primeiramente a três critérios: subordinação (serviço efetivo pelo exercício do trabalho a serviço da empresa), dano (lesão ou distúrbio) e incapacidade funcional.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Ao se constatar a doença ocupacional, o estabelecimento do nexos com o trabalho envolve, além disso, o conhecimento técnico da patologia em questão, a identificação do respectivo risco laboral e a possibilidade da exposição ao risco de produzir tal patologia. Assim, pressupõe-se uma sustentação técnico-científica de ambos, patologia e risco, amalgamados entre si pela legislação brasileira, resultando na união indissolúvel técnico-legal, representada pelo nexos causal.

METODOLOGIA

A partir da visão ocupacional e da quantificação de riscos sugerida pela metodologia HRN, buscou-se obter um índice de Risco de Contágio (IRC) nas atividades classificadas como básicas/essenciais frente à condição de pandemia.

As atividades tomadas como essenciais foram: saúde (médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da área hospitalar), utilização de transporte público para chegar até o trabalho, trabalhadores de farmácias, supermercados, bancos e lotéricas, postos de combustível, atividade de moto-entrega, trabalhadores em home-office e por fim a ação de não utilizar a máscara de proteção, atividades estas que expõem os trabalhadores à condição maior de risco de contágio.

Os resultados guiaram as discussões subdividindo quais atividades devem possuir nexos causal a título de considerar a COVID-19 uma doença ocupacional ou não.

Quantificação de riscos

Lapa & Goes (2011) definem risco como a relação existente entre a probabilidade de ocorrência de um evento, associado à sua consequência.

Para que seja possível quantificar um risco, toma-se a metodologia HRN, proposta pelos autores, utilizada há longa data, é advinda de uma norma europeia EN 1050:1997.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Pela metodologia, temos que:

$$\text{HRN} = \text{LO} \times \text{FE} \times \text{DPH} \times \text{NP}$$

Onde:

HRN é o nível de risco quantificado;

LO a probabilidade de ocorrência;

FE a frequência de exposição ao risco;

DPH o grau de severidade do dano e

NP se refere ao número de pessoas expostas ao risco.

Os parâmetros e variáveis que cada um representa estão listados e quantificados nas tabelas seguintes.

Para a probabilidade de ocorrência de um acidente utiliza-se níveis que variam de 0,033 a 15, conforme a tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Probabilidade de ocorrência de um acidente - HRN

Probabilidade de Ocorrência (LO)		
0.033	Quase impossível	Pode ocorrer em circunstâncias extremas
1	Altamente improvável	Mas pode ocorrer
1,5	Improvável	Embora concebível
2	Possível	Mas não usual
5	Alguma chance	Pode acontecer
8	Provável	Sem surpresas
10	Muito provável	Esperado
15	Certeza	Sem dúvida

Fonte: EN 1050 -British Standard. EN 1050/1997. Safety of machinery -Principles for risk assessment. British Standard. BSI, 1997



Trabalhadores em tempos de pandemia

Já no caso da frequência, utiliza-se os valores conforme tabela 2. Por fim, de acordo com a tabela 3, deve ser indicado o número de pessoas envolvidas no risco

Tabela 2 - Frequência de exposição - HRN

Frequência de exposição (FE)	
0,5	Anualmente
1	Mensalmente
1,5	Semanalmente
2	Diariamente
4	Em termos de horas
5	Constante

Tabela 3 - Número de pessoas envolvidas ao risco - HRN

Números de pessoas expostas ao risco (NP)	
1	1 - 2 pessoas
2	3 - 7 pessoas
4	8 - 15 pessoas
8	16 - 50 pessoas
12	Mais de 50 pessoas

Fonte: EN 1050 -British Standard. EN 1050/1997. Safety of machinery -Principles for risk assessment. British Standard. BSI, 1997

A tabela 4 demonstra os níveis de risco que podem ser obtidos através da aplicação da fórmula do HRN.

Tabela 4 - Níveis de riscos e providências - HRN

Hazard Rating Number (HRN)		
Resultado	Risco	Providência perante a avaliação
0 - 1	Aceitável	Considerar possíveis ações. Manter as medidas de proteção.
1 - 5	Muito baixo	
5 - 10	Baixo	Garantir que as medidas atuais de proteção são eficazes. Aprimorar com ações complementares.
10 - 50	Significantes	



Trabalhadores em tempos de pandemia

50 - 100	Alto	Devem ser realizadas ações para reduzir ou eliminar o risco. Garantir a implementação de proteções ou dispositivos de segurança
100 - 500	Muito alto	
500 - 1000	Extremo	Ação imediata para reduzir ou eliminar o risco
Maior que 1000	Inaceitável	Interromper atividade até eliminação ou redução do risco

Fonte: EN 1050 -British Standard. EN 1050/1997. Safety of machinery -Principles for risk assessment. British Standard. BSI, 1997.

A graduação de cor, na tabela 4, varia do verde, para resultados de HRN aceitáveis, ao vermelho, para níveis que sejam inaceitáveis e que necessitem de intervenção imediata. Salienta-se que esta variação de cores foi definida pelo autor do presente estudo. Escolheram-se estas cores por possuírem semelhança aos semáforos de trânsito, tornando, desta forma, muito mais nítidas as gravidades encontradas na avaliação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui cabe uma discussão referente à questão de doenças endêmicas e a pandemia.

Rezende (1998), define endemia como doença habitualmente comum entre pessoas de uma região, cuja incidência se prende à ocorrência de determinados fatores locais.

A malária, por exemplo é endêmica em certas regiões do Brasil. Não é considerada doença ocupacional. Mas, se um trabalhador contrair a malária porque teve que se deslocar até uma região endêmica para um trabalho, para este, é considerada ocupacional.

A MP 927 de 22 março 2020, em seu artigo 29 relata que os casos de contaminação pelo coronavírus (covid-19) não serão considerados ocupacionais, exceto mediante comprovação do nexo causal. Atualmente, a medida perdeu o valor, porém já criou o que se denomina de jurisprudência. O



Trabalhadores em tempos de pandemia

nexo causal é comprovado quando a exposição ao risco e a falta de procedimentos são evidentes. Nesta situação, mesmo após a MP 927 ter perdido sua validade, e de acordo com o Tribunal Regional do Trabalho – MG (2021) ocorreram decisões que imputaram a condição de indenização à família na ordem de R\$ 200.000,00 devido ao óbito de um trabalhador exposto à COVID-19 e contaminado em sua jornada laboral.

Como proposto, os autores aplicaram uma ferramenta de quantificação de riscos (HRN) em algumas atividades consideradas essenciais, que podem ter mais ou menos exposição e consequentemente, contaminação, visando quantificar a intensidade do risco de cada atividade (IRC) para que assim possa ser feita uma ligação com nexo causal para uma doença ocupacional.

Os resultados do levantamento do Índice de Risco de Contágio se encontram na Tabela 5, tomados a partir dos setores essenciais.

Tabela 5 - Quantificação de riscos das atividades das atividades essenciais pela metodologia HRN

Situação	LO - Probabilidade de ocorrência	FE - Frequência de exposição	DPH - Grau de severidade	NP - Número de pessoas expostas	Índice de risco de contágio
Médicos, enfermeiros e demais trabalhadores da área Hospitalar	10	5	12	12	7200
Atendentes e trabalhadores de Supermercados	8	5	12	12	5760



Trabalhadores em tempos de pandemia

Trabalhadores que utilizam transporte público	8	4	12	12	4608
Atendentes de Farmácias	8	5	12	8	3.840
Atendentes de bancos e lotéricas	5	5	12	12	3600
Trabalhadores de Moto-entrega	5	5	12	8	2400
Falta de uso de máscara	8	4	12	4	1536
Frentistas de postos de combustível	2	5	12	12	1440
Trabalhadores em home-office	0,033	1,5	12	2	1,188

Parâmetros considerados:

- Área hospitalar: ambiente de risco biológico com circulação do Coronavírus devido ao tratamento de doentes.
- Transporte público: Transporte de ônibus ou metrô em condições de uso no horário de pico, considerando a aglomeração.
- Bancos e lotéricas: Ambientes de alta circulação e rotatividade de pessoas, que necessitam de atendimento e informações.
- Posto de combustível: Comércio de combustíveis para veículos automotores, que ape-



Trabalhadores em tempos de pandemia

sar da ventilação natural exigida em projeto do empreendimento, pode haver o contato com o frentista para solicitação ou pagamento.

- Home-office: Condição para uma família de 4 pessoas, morando em um imóvel localizado em uma área de média densidade demográfica cumprindo o isolamento/distanciamento social, saindo apenas para compra de produtos de primeira necessidade.

- Falta de uso de máscara: Pessoa descumprindo a condição de proteção do uso de máscara, podendo assim contaminar várias outras pessoas a sua volta.

- Farmácia: Farmácia de médio porte, com 3 balconistas e gôndolas, com 5 pessoas por vez realizando compras.

- Supermercados: Comércio de médio porte, que comercializem bens de consumo de primeira necessidade, comportando cerca de 60 pessoas em seu interior.

- Moto-entrega: atividades de moto entrega onde o entregador abranja cerca 50-60 entregas por dia, voltando várias vezes aos estabelecimentos.

Para análise dos dados, tomou-se o DPH (grau de severidade) como uma doença crítica (DPH=12, conforme Tabela 7), pois apesar do número de óbitos, o que determina a questão é a contaminação pela COVID-19.

Considerando o risco e exposição ocupacional de trabalhadores em áreas hospitalares, farmácias, supermercados, bancos e similares, estas atividades devem ser relacionadas à doença ocupacional comprovando assim nexos causal a favor da COVID-19.

De acordo com a lei 8.213/91, que dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social, mais precisamente em seu artigo 21, inciso IV, alínea “d”, o acidente sofrido no percurso da residência para o local de trabalho ou deste para aquela, independente do meio de locomoção, era equiparado ao acidente de trabalho

O Brasil é um dos poucos países que possui a categoria de “acidente de trajeto” em sua le-



Trabalhadores em tempos de pandemia

gislação. Cabe aqui ressaltar que as consequências de um acidente de trajeto refletem direta e indiretamente nas empresas, tanto em questões operacionais, quanto econômicas.

Feita esta explanação, nos deparamos diante de uma nova questão: Considerando que o acidente de trajeto voltou a ser considerado acidente, a questão do transporte público, que oferece grande risco a quem utiliza esta modalidade para chegar até trabalho deve ser considerado nexos causal para determinação da doença ocupacional?

A exposição do trabalhador ao risco para chegar ao seu trabalho é de responsabilidade da empresa e possui respaldo na lei 8.213/91.

A atividade de moto-entrega cresceu vertiginosamente durante a pandemia. Uma questão a ser frisada é que a maioria destes trabalhadores são informais ou autônomos, trabalhando para aplicativos e recebendo pelo dia de trabalho, e, desta forma, por não possuírem um contrato de trabalho, estes não teriam os direitos de um trabalhador que desempenha suas funções mediante contrato CLT.

A atividade desempenhada por frentistas de postos de combustíveis é essencial e, se por um lado conta com a alta frequência de exposição, por outro tem-se a questão de ventilação do ambiente laboral. O posto de combustível é um ambiente aberto, com ventilação natural, o que colabora para a redução da disseminação da COVID-19.

A falta de uso de máscara é um agente que aumenta a probabilidade de risco, e esta atitude pode estar tanto dentro de um estabelecimento, quanto do transporte público, colocando seus usuários em risco.

O home-office nitidamente é a melhor solução para os trabalhadores que podem desempenhar suas funções de casa. A probabilidade de contágio é reduzida, e com isso, o risco torna-se nitidamente baixo, fazendo assim com que estes, devido ao baixo risco não devam estar entre os quais possam alegar a COVID-19 como doença ocupacional.

Como o caso de subnotificações de internações e óbitos por COVID-19 é muito maior do que é divulgado pelo Ministério de Saúde, devido a baixa relação de testagem em massa, além da



Trabalhadores em tempos de pandemia

demora dos testes que são realizados, a probabilidade de contágio pela doença é ainda maior. Nesta situação, tanto onexo-causal, causal quanto a atribuição da COVID-19 a uma doença ocupacional em si tornam-se prejudicados, pois, se não há testagem para diagnóstico, e o número de subnotificações é grande, faltam subsídios para garantir o direito dos trabalhadores expostos ao risco de contaminação. A análise de risco proposta contribui para a confirmação da COVID-19 como doença ocupacional pelo menos para algumas classes consideradas essenciais durante a pandemia. Em havendo um funcionário da saúde com sintomas, dada sua jornada de trabalho e seu IRC frente a exposição, não haveria dúvidas que esta seria uma condição de doença ocupacional.

Cabe ressaltar que na utilização da metodologia, o NP foi mensurado de acordo com os valores propostos pela metodologia, mas devido à subnotificação, este valor pode ser muito superior, extrapolando os valores da metodologia e elevando ainda mais o IRC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o surgimento da pandemia de COVID-19, a publicação da MP 927:2020 determinou que apenas casos relacionados comnexo causal seriam considerados doença ocupacional. Porém, a partir da análise de IRC proposta, a quantificação do risco de contaminação pela COVID-19 diante de atividades essenciais permite correlacionar os setores de trabalho essenciais com onexo causal, a partir das variáveis LO (probabilidade de ocorrência), FE (frequência de exposição) e NP (número de pessoas afetadas) que determinam quais classes de trabalhadores desempenham suas funções com um elevado Índice de Risco de Contágio. Em vista das subnotificações de casos da doença, devido à falta de testes em massa, a proposta para se estabelecer onexo causal como doença ocupacional no Brasil é ainda mais essencial para garantir o direito dos trabalhadores expostos aos riscos de contágio. A quantificação deixa claro a exposição dos profissionais da saúde, que atuam na linha de frente de atendimento e combate à COVID-19 e demonstra o contraponto de quem tem a possibilidade de fazer



Trabalhadores em tempos de pandemia

o home office, recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde). A discrepância desses dois extremos da cadeia dos setores analisados pela metodologia HRN, mostra como as ações de isolamento social propostas são válidas para a redução do risco de contágio.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Previdência Social. Lei 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União. 25 jul 1991. Seção 1:14809. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1991/lei-8213-24-julho-1991-363650-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 14 abri. 2020

BRASIL, Medida Provisória nº 927, de 22 de março de 2020. Presidência da República

MP 927 22 março 2020. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 de maio de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Mpv/mpv927.htm Acesso em: 10 mai. 2020

Cabral, L. A. A. et al. Pluralidade do nexos causal em acidente de trabalho/doença ocupacional: estudo de base legal no Brasil. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 2018, 43 e1. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbso/v43/2317-6369-rbso-e1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2020

EN 1050 - BRITISH STANDARD. EN 1050 : 1997. Safety of machinery - Principles for risk assessment. British Standard. BSI, 1997. Disponível em: <https://idoc.pub/download/bs-en1050-1997-safety-of-machinery-principles-for-risk-ass-3no7ryvwjxld> Acesso em: 26 abr. 2020



Trabalhadores em tempos de pandemia

LAPA, R. M.; GOES, L. S. Investigação e análise de incidentes. 1. Ed. São Paulo, Edicon, 2011

Lopes e Bertagni. Monteiro, Antonio Lopes. Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais / Antonio Lopes Monteiro, Roberto Fleury de Souza Bertagni. – 9. ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

Tribunal Regional do Trabalho – MG: Justiça do Trabalho reconhece morte por Covid-19 como acidente de trabalho - indenização será de R\$ 200 mil. Disponível em: <https://portal.trt3.jus.br/internet/conheca-o-trt/comunicacao/noticias-juridicas/justica-do-trabalho-reconhece-morte-por-covid-19-como-acidente-de-trabalho-indenizacao-sera-de-r-200-mil> Acesso em: 08 jun. 2021



**O TRABALHO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS
DE PANDEMIA: ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS**

**Capítulo
2**

O TRABALHO DA ENFERMAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA: ATRIBUIÇÕES E DESAFIOS

Josileide Aparecida Bezerra¹

Marciana Fernandes Moll²

Bruna Fernanda Monteiro de Barros³

A saúde de uma sociedade democrática pode ser medida pela qualidade de funções desempenhadas por seus cidadãos.

Alexis de Tocqueville



INTRODUÇÃO

A ilustração acima busca expressar o compromisso que os profissionais devem estabelecer para garantir a construção de uma sociedade igualitária e representativa. Enfatizar o dia a dia dos pro-

¹ Formada em Enfermagem na Faculdade das Américas (FAM) e Conselheira do Coren/SP. E-mail: josileideap.bezerra@hotmail.com

² Possui Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (1994), Especialização em Saúde Mental pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), Mestrado em Enfermagem pela Universidade de São Paulo (2008), Doutorado em Ciências (2013), Especialização em Docência na Saúde (2015) e Pós-doutorado pelo Departamento de Enfermagem e Ciências Humanas da EERP-USP (2018).

³ Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Pós Graduada em Práticas Integrativas e Complementares pela Faculdade Bezerra de Araújo (FABA) e Pós Graduada em Enfermagem em Psiquiatria e Saúde Mental. É mestranda no Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS) da UFF.



Trabalhadores em tempos de pandemia

fissionais da saúde representa uma realidade praticamente invisível da sociedade, pois há diferentes limitações a serem enfrentadas no cotidiano de trabalho, sobretudo entre os profissionais de enfermagem que constituem a maior classe assistencial da saúde.

Destaca-se que há 30 anos, a enfermagem luta por reconhecimento de direitos e representação trabalhista, com destaque para os seguintes aspectos: piso salarial, local digno de descanso durante as jornadas de trabalho, aposentadoria por tempo de atuação, insalubridade, contribuição por tempo de serviço e doenças laborais.

Diante desse contexto, convidamos você leitor a interagir com a realidade do trabalho dos profissionais da enfermagem que precisam oferecer a toda sociedade excelência no atendimento, sobretudo em períodos que os agravos se intensificam (como é o caso da pandemia do novo coronavírus).

Apresentando as categorias profissionais de enfermagem e suas atribuições

Na área da saúde, a enfermagem é imprescindível no processo de cuidar e isso a faz ser o maior contingente nos serviços de saúde. No ano de 2020, estavam registrados um total de 1.885.697 profissionais de enfermagem no Brasil (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2020) e nas regulamentações para o funcionamento de serviços de saúde, estabelecidos pelo Ministério da Saúde, exige-se a presença da enfermagem entre os integrantes da equipe interdisciplinar.

Buscando abordar as particularidades da enfermagem para uma melhor compreensão do leitor, serão descritas a seguir as categorias profissionais de enfermagem e suas respectivas atribuições.

Legalmente o exercício profissional da enfermagem pode ser exercido após inscrição no Conselho Regional de Enfermagem, pelas seguintes categorias: enfermeiro, técnicos de enfermagem, auxiliares de enfermagem e pelas parteiras (BRASIL, 1986).

Diante do exposto, verifica-se que nem todos os profissionais de enfermagem são enfermeiros, mas todos fazem parte de uma mesma categoria profissional (enfermagem) e devem seguir um



Trabalhadores em tempos de pandemia

mesmo Código de Ética que é estabelecido pelos Conselhos Regionais de Enfermagem.

Considerando a necessidade de descrever as atribuições de cada categoria profissional, elaborou-se o Quadro 1, com base no Código de Ética de Enfermagem.

Quadro 1 - Atribuições dos profissionais que integram as categorias de enfermagem

ENFERMEIRO	TÉC. ENFERM.	AUX. ENFERM	PARTEIRA
Gestão dos serviços de enfermagem prestados nos serviços de saúde	Contribuir no planejamento dos cuidados de enfermagem	Preparar o paciente para consultas, exames e tratamentos	Prestar cuidados à gestante e à parturiente
Organização e direção dos serviços de enfermagem em geral	Executar ações assistenciais de enfermagem	Executar condutas simples, tais como: vacinar; administrar medicamentos (via oral e parenteral); realizar controle hídrico, curativos, oxigenoterapia, nebulização, enteroclisma, enema; aplicar calor ou frio; prezar pela conservação de vacinas; controlar pacientes e comunicantes diante de doenças transmissíveis; realizar e proceder a leitura de testes diagnósticos; colher material para exames laboratoriais; prestar cuidados de Enfermagem pré e pós-operatórios; circular em sala de cirurgia e instrumentar e executar atividades de desinfecção e esterilização.	Assistir ao parto normal, inclusive em domicílio
Planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação da assistência de enfermagem	Participar da orientação e supervisão do trabalho de auxiliares de enfermagem	Prestar cuidados de higiene e conforto ao paciente	Cuidar da puérpera e do recém-nascido



Trabalhadores em tempos de pandemia

Consultoria, auditoria e emissão de parecer sobre matéria de enfermagem	Participar da equipe de saúde	Participar da equipe de saúde	
Consulta de Enfermagem		Observar, reconhecer e descrever sinais e sintomas, ao nível de sua qualificação	
Prescrição da assistência de Enfermagem			
Cuidados diretos a pacientes críticos			
Cuidados de maior complexidade técnica que exigem conhecimentos científicos e capacidade de tomar decisões imediatas			

Fonte: BRASIL (2018)

Ressalta-se que as atividades profissionais técnicos e auxiliares de enfermagem devem ser supervisionadas pelos (as) enfermeiros (as) e as parteiras devem ser supervisionadas pelo(a) enfermeiro (a) obstetra, conforme estabelecido no Decreto nº 94406/87 que regulamentou a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986.

A pandemia da COVID-19 trouxe sobrecarga, medo e estresse no ambiente laboral para todas estas categorias de enfermagem, o que foi associado, segundo Chou et al. (2020) à redução do número de profissionais, por condições de risco que impede o trabalho presencial, aumento da carga e da demanda de trabalho e ainda a adaptação constante aos protocolos de segurança e assistência que mudam frequentemente. Esses autores também mencionam que muitos profissionais de enfermagem foram à óbito ou enfrentaram a gravidade do adoecimento por terem se infectado pelo Coronavírus e isso tende a comprometer a saúde mental de toda essa categoria.

Nesse sentido, faz-se necessário abordar os riscos ocupacionais que os trabalhadores da saúde estão susceptíveis para se compreender as especificidades da categoria de enfermagem antes e durante o período da pandemia.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Conhecendo os riscos ocupacionais

Descrito pela primeira vez em 1700, os riscos ocupacionais, foram citados por Benedito Ramazzini, médico italiano, autor do livro intitulado “As doenças dos trabalhadores”, onde mais de 50 ofícios determinavam a causa de certas doenças. Com potencial para ocasionar eventos adversos advindos das atividades laborais, os riscos ocupacionais são compreendidos pelos profissionais de enfermagem (MIGUEL et al., 2014), mas nem sempre esses profissionais valorizam as medidas protetivas durante o expediente de trabalho e isso representa um problema, pois a exposição aos diferentes tipos de riscos é exacerbada.

O Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo descreveu em 2018 diferentes tipos de riscos que a enfermagem está susceptível, são eles: físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, mecânicos, de acidentes e psicossocial (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM – SÃO PAULO, 2018).

Buscando melhor sistematizar a apresentação desses riscos, elaborou-se o Quadro 2 que se segue:

Quadro 2 - Riscos ocupacionais presentes no cotidiano de trabalho da enfermagem

TIPO DE RISCO	REPRESENTAÇÃO
Físico	Ruídos, vibrações, radiações, extremos de temperatura, pressões anormais, umidade e inadequações na iluminação, sinalização e no próprio espaço físico dos serviços de saúde
Químico	Gases, vapores anestésicos, antissépticos, esterilizantes e poeiras frequentemente utilizados nos procedimentos e condutas voltadas para tratamentos e manutenção da segurança do paciente e dos equipamentos
Biológico	Fluídos orgânicos que podem estar contaminados por microorganismos e presentes em perfurocortantes
Ergonômico	Sobrecarga de peso advinda da mudança de posição de pacientes e postura inadequada
Mecânico	Iluminação inadequada, risco de incêndio, piso escorregadio, máquinas defeituosas e ferramentas inadequadas
De acidente	Equipamentos danificados e ausência de sinalização no ambiente físico
Psicossocial	Sobrecarga psicológica, jornada de trabalho inadequada, ritmo acelerado, tarefas repetitivas, ambiente conflituoso e competitivo, relacionamento conturbado com pacientes e acompanhantes.

Fonte: Conselho Regional de Enfermagem – São Paulo (2018).



Trabalhadores em tempos de pandemia

Ao se analisar a descrição dos riscos ocupacionais que a categoria de enfermagem está sujeita verifica-se que há diferentes fatores que contribuem para a exacerbação dos mesmos, tais como: condições precárias do ambiente de trabalho, número de profissionais insuficiente para a alta demanda de serviço a ser executado, oferta insuficiente de insumos, baixa remuneração, entre outros.

Essa realidade se agravou com o surgimento da pandemia da COVID-19 que vem exigindo uma práxis da enfermagem permeada pela tomada de decisões rápidas, as quais precisam se fundamentar em preceitos técnicos, éticos e científicos e, ainda houve aumento de demandas emocionais entre todos os envolvidos no processo de cuidar (profissionais de saúde, pacientes e familiares de pacientes) que vem exigindo a oferta de apoio emocional. Dessa maneira, faz-se necessário abordar as implicações da pandemia diante dos riscos ocupacionais já existentes no cotidiano de trabalho da enfermagem.

Riscos ocupacionais que se exacerbaram durante a pandemia

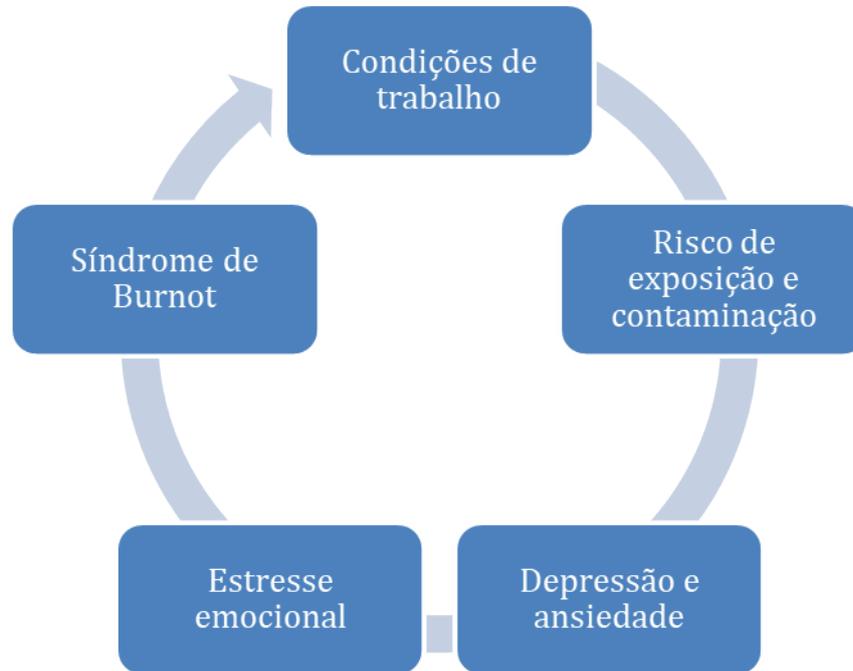
Messias, Silva e Prado (2021) destacam que os trabalhadores de enfermagem se mantiveram assistindo pessoas vítimas do coronavírus desde o início da pandemia e isso resulta do compromisso que esses profissionais assumiram durante sua formação e frente ao seu Conselho de Ética.

Mas, se faz necessário evidenciar que essa realidade ocasionou uma maior exposição desses profissionais aos riscos e isso foi abordado em estudo recentemente publicado, de onde se retirou a figura 1:



Trabalhadores em tempos de pandemia

Figura 1. Maiores riscos ocupacionais resultantes da pandemia da COVID-19



Fonte: Vega *et al.* (2021).

Ao se analisar a ilustração proposta por Vega *et al.* (2021) evidencia-se, claramente, o aumento da exposição dos profissionais de enfermagem aos riscos biológicos quando descreve a exposição e a contaminação; aos riscos psicossociais quando expõe o estresse emocional e aos riscos físicos e mecânicos quando aborda as condições de trabalho. Tal como exposto na ilustração a exacerbação dessas exposições vem desencadeando doenças ocupacionais representadas pela depressão, ansiedade e síndrome de Burnout.

Diante da exacerbação desses riscos faz-se necessário a utilização rigorosa de equipamentos de proteção individual e isso se confirma quando Vega *et al.* (2021) afirmam existir uma correlação entre a presença do risco no ambiente laboral e o tempo de exposição ao patógeno durante a prestação de cuidados.

Nesse sentido, a implementação rigorosa de medidas de proteção e segurança estabelecidas na Norma Regulamentadora 32 (NR32) precisam ser estimuladas nos serviços de saúde e para que os



Trabalhadores em tempos de pandemia

leitores conheçam essas medidas, estruturou-se a figura 2 que foi elaborada a partir das diretrizes da referida Norma e estão descritas na legislação brasileira (BRASIL, 2005).

Figura 2 - Medidas de proteção e segurança estabelecidas na Norma Regulamentadora 32 (NR32)



A figura 2 remete à biossegurança que se relaciona às práticas que buscam prevenir, proteger, minimizar ou eliminar riscos que possam causar danos aos trabalhadores de saúde em seu cotidiano laboral (BRASIL, 2005). Entre as estratégias apontadas como essenciais destaca-se: descarte de agulhas e outros perfurocortantes em recipientes apropriados; uso de máscaras, luvas, óculos de proteção; uso de sapatos e uniformes que proporcionem segurança e conforto; lavagem das mãos após cada procedimento; não utilização de adornos (anéis, aliança, correntes, pulseiras e relógios) e a participação em atividades de educação continuada para favorecer a capacitação, o comprometimento, a conscientização e o controle social desses profissionais para a identificação e dos riscos que se



Trabalhadores em tempos de pandemia

exacerbaram com a pandemia e, assim se comprometerem com sua própria proteção.

Contudo, cabe ao serviço de saúde também se comprometer com mudanças na cultura institucional para que ocorram transformações das práticas em serviço e isso é confirmado por Pousa e Lucca (2021) que referem ser necessário que as lideranças se atentem para as demandas de trabalho para que assim possam planejar, adequadamente, as cargas de trabalho e as demais necessidades compatíveis a atividade laboral exercida. Entre essas necessidades Messias, Silva e Prado (2021) discorrem que é frequente se deparar com a falta de equipamentos de proteção individual, insumos e materiais para procedimentos de enfermagem, bem como de contingente profissional suficiente para o aumento da demanda de trabalho, o que precisa ser valorizado para minimizar os riscos que se exacerbaram pela pandemia.

Ressalta-se que a biossegurança estabelece condutas para os riscos biológicos, físicos e mecânicos, mas e os riscos psicossociais também se exacerbaram e isso foi também mencionado por Barros et al. (2021) que justificam que a pandemia ocasionou na vida dos profissionais estigmatização e exclusão por eles terem contato direto com pessoas contaminadas pelo COVID-19, bem como distanciamento de famílias e amigos para assegurar a proteção dos mesmos.

Mas não se estabelece na legislação medidas protetivas para os riscos psicossociais que vem representando um grande desafio no cotidiano de profissionais de enfermagem, o que é enfatizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Saúde (2021) ao apontarem que 19,7% dos profissionais de enfermagem já sofreram violência no ambiente de trabalho, sendo 66,5% violência psicológica, 26,3% verbal e 15,6% violência física.

Nesse sentido, Vega et al. (2021) referem que o suporte psicológico é essencial para amenizá-los e buscando atender a esta necessidade o Conselho Federal de Enfermagem vem implementando o Projeto Enfermagem Solidária, desde março de 2020 até a presente data (mês agosto/2021) para oferecer apoio emocional aos profissionais de enfermagem, por meio de um canal de atendimento online que, na atualidade, funciona diariamente das 06h às 00h. Esse atendimento é realizado por en-



Trabalhadores em tempos de pandemia

fermeiros terapeutas que têm formação em saúde mental e buscam estabelecer uma relação permeada pela empatia para se planejar junto ao profissional em atendimento estratégias de enfrentamento do sofrimento emocional que o fez buscar por este serviço (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 2020).

Face ao exposto, é notório que com o avançar da pandemia da COVID-19 os riscos ocupacionais que os trabalhadores de enfermagem estão susceptíveis se exacerbaram e isso se agravou pela condição externa imposta pela pandemia (exigência de distanciamento social ocasionando restrições no lazer e de outras práticas propulsoras de saúde mental), o que vem impulsionando a luta da enfermagem por melhores condições de trabalho por meio da aprovação do Projeto de Lei (PL) nº 2564/2020, que visa estabelecer um piso salarial nacional para a enfermagem e uma carga horária de 30 horas semanais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade imposta pela pandemia desvela o compromisso social da enfermagem no processo de cuidar que se revela, cada vez mais, como essencial em todos os âmbitos da saúde (tratamento, reabilitação, promoção da saúde, prevenção de doenças e recuperação), independente se o serviço tem vínculo público ou privado.

Nessa perspectiva, evidencia-se que as atribuições da cada categoria profissional de enfermagem estão sendo cumpridas e exigindo cada vez mais a interação com outros membros da equipe assistencial (médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais e outros) e isso está permeado por muitos desafios que se expressam pela exposição contínua a diferentes riscos ocupacionais.

Um dos grandes desafios que se acentuaram, desde o início da pandemia, foi a exposição aos riscos biológicos, físicos, mecânicos e psicossociais. Esta realidade exige modificações na cultura



Trabalhadores em tempos de pandemia

organizacional e compromisso dos profissionais para a adoção de medidas protetivas que são direcionadas pela legislação trabalhista.

Entretanto, os riscos psicossociais precisam ser valorizados, pois para amenizá-los abordagens emocionais precisam ser incorporadas no âmbito legal e institucional. Ao se abordar o âmbito legal, faz-se necessário avançar nas discussões e na luta para melhores condições de trabalho para a enfermagem que enfrenta diferentes tipos de violência e uma remuneração incompatível ao valor da sua função nas práticas cuidativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portaria nº 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova a norma regulamentadora nº 32 (Segurança e saúde no trabalho em estabelecimentos de saúde). Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2005. Disponível em: http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentadoras/nr_32.pdf Acesso em: 18 jul. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1986. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17498.htm Acesso em: 15 jul. 2021.

CHOU, R. et al. Epidemiology of and risk factors for coronavirus infection in health care workers. *Annals of Internal Medicine*, Philadelphia, v. 173, n. 2, p. w46-w47, 2020. Doi:10.7326/L20-0768

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA SAÚDE. Enfermagem realiza manifestação pelo piso salarial da categoria no próximo dia 5. Brasília: CNTS, 2021. Disponível em:



Trabalhadores em tempos de pandemia

<https://cnts.org.br/noticias/enfermagem-realiza-manifestacao-pelo-piso-salarial-da-categoria-no-proximo-dia-5/> Acesso em: 29 jul. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Enfermagem em Números. Brasília: COFEN, 2020. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM – DISTRITO FEDERAL. Legislação dos profissionais de enfermagem. Brasília: COREN-DF, 2018. Disponível em: <https://www.coren-df.gov.br/site/legislacao-dos-profissionais-de-enfermagem/> Acesso em: 15 jul. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM – SÃO PAULO. Abril Verde: conheça os principais riscos ocupacionais da enfermagem e saiba como evitá-los. São Paulo: COREN-SP, 2018. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/abril-verde-conheca-os-principais-riscos-ocupacionais-da-enfermagem-e-saiba-como-evita-los/> Acesso em: 15 jul. 2021.

MESSIAS, J. M. A.; SILVA, S. C. C. G.; PRADO, I. F. A COVID-19 e os riscos ocupacionais para profissionais de enfermagem. Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v. 30, n. 4, p. 747-757, abr. 2021. Doi: 10.18224/frag.v30i4.8526.

MIGUEL, D. B. et al. Percepção de trabalhadores de uma unidade oncológica acerca dos riscos ocupacionais. Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v. 13, n. 3, p. 527-534, 2014. Doi: 10.4025/ciencuid-saude.v13i3.21208

POUSA, P. C. P.; LUCCA, S. R. psychosocial factors in nursing work and occupational risks: a systematic review. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 74, n. suppl 3, e20200198, 2021. Doi: 10.1590/0034-7167-2020-0198



Trabalhadores em tempos de pandemia

VEGA, E. A. U. et al. Riscos de adoecimento ocupacional em profissionais da saúde que atendem pacientes com COVID-19: revisão integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 29, p. e3455, 2021. Doi: 10.1590/1518-8345.4895.3455.



**DILEMAS DE TRABALHADORES (AS) EM TEM-
POS DE PANDEMIA: RELATOS DE PROFESSORES
RIBEIRINHOS**

**Capítulo
3**

DILEMAS DE TRABALHADORES (AS) EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS DE PROFESSORES RIBEIRINHOS

Maria Aldenora dos Santos Lima¹

Gizeli Fernandes Sessa Mendonça²

Israel Aparecido Gonçalves³

INTRODUÇÃO

Para a História, as datas não acostumam ser seguras. Já disse com razão Neves (2020) que o século XX inicia com a Primeira Guerra Mundial, começada no verão de 1914. O século XIX, por sua vez saiu antecipado, pois aborda em 1789, com a Revolução Francesa. E o Terceiro Milênio? Teria ele surgido no dia 1º de janeiro de 2020?

Em março de 2020, vivemos experimentos sem antecedentes, ao menos para as gerações que residem neste planeta. Um vírus ágil e letal estabeleceu, em praticamente todo o mundo, a adoção de políticas de isolamento social. Por aproximadamente dois meses, as ruas foram esvaziadas. O comércio fechou. As pessoas, quando possível, trabalharam dentro de casa. Velhos hábitos foram redescobertos e desenvolvidos, como, por exemplo reunir-se com a família. Milhões de pessoas ficaram doentes e muitos morreram, tempos difíceis de se lastimar e refletir.

Entretanto, em 2020, o mundo resolveu parar para evitar que os mais frágeis perecessem. O vírus da COVID 19 é traiçoeiro. Ele ataca muito pouco as pessoas saudáveis, mas se apresenta ex-

1 Professora magistério Superior da universidade Federal do Acre –UFAC, mestre em Educação, UFAM, doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná –UFPR

2 Professora Magistério Superior, da Universidade Federal de Natal-UFRN Mestre em Educação, UFAC, e doutoranda em Educação Pela Universidade Federal do Paraná –UFPR

3 Professor de História e doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política na UFSC.



Trabalhadores em tempos de pandemia

tremamente letal com os mais debilitados, como os idosos ou quem sofre de alguma doença crônica, ou os que tem seu sistema imunológico deficiente.

Desde que iniciou a pandemia da COVID 19 a humanidade tem passado por situações muito difíceis. Várias famílias tiveram que enfrentar a dor da perda de um ente querido, além do medo do desemprego, da quarentena, da falta de assistência e da falta de recursos para sobreviver até o fim deste pesadelo. Como salienta Neves (2020, p. 12):

Numa sociedade denominada por valores competitivos, preocupada, de forma exagerada, com ganhos econômicos, dominada pelos “yuppies” e soltos os “lobos de Wall Street”, possivelmente a reação a um vírus como o da COVID -19 seria a de seguir com a vida. Muitos morreriam, mas esses seriam na sua grande maioria, os debilitados. Os fortes passariam pela doença e o mundo manteria seu ritmo. Os “atletas” seguiriam nas ruas, tomando conta de seus negócios, enquanto uma minoria, menos apta, padeceria.

Perante o isolamento social vertical e horizontal seguido por distintos países, o Brasil adotou também as mesmas orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), para frear o aumento da contaminação do novo coronavírus, Sars-coV-2, responsável pela doença reconhecida pelo acrônimo em inglês Coronavírus Disease 2019-COVID-19 (SENHORAS, 2020). O fluxo de contaminação fechou a rede de ensino presencial, fazendo as instituições apelarem às novas vias e métodos de ensino, quando a educação remota passa a ser a fonte mais viável no momento. Mas como fica a condição daqueles que não têm acesso à internet, ou mesmo falta de rede disponível ou até por não saber lidar com essas ferramentas de ensino online? Como ficam aqueles que, muitas vezes, viam no professor sua única fonte de pesquisa?

Para Santos (2020), a pandemia do novo coronavírus veio agravar a ainda mais a problemáticas das desigualdades sociais. Enquanto para uns a quarentena veio em boa hora, para passar mais



Trabalhadores em tempos de pandemia

tempo com a família, descansar e tirar umas boas férias do estresse do trabalho, para outros, ficar tanto tempo em casa significa perder o sustento da família, principalmente se tratando de trabalhadores autônomos, pequenos comerciantes, feirantes, vendedores ambulantes, trabalhadores demitidos em massa, etc. Muita gente pelo mundo inteiro sentiu negativamente o peso do primeiro impacto causado por essa pandemia, antes mesmo de temer contrair a doença, muitos passaram a temer a realidade da fome e da miséria, sendo ainda pior para aqueles que já viviam essa realidade antes mesmo da pandemia chegar.

Segundo Santos (2020), o vírus não só desponta, mas enraíza as desigualdades sociais. Qualquer pandemia é sempre discriminatória, mais difícil para certos grupos sociais do que mais outros. Pela magnitude e pela aceleração da sua propagação, a nova pandemia é particularmente discriminatória.

Diante dessa problemática, o objetivo da pesquisa foi conhecer as dificuldades dos professores ribeirinhos do Município de Porto Walter-Acre no interior da Amazônia. Tal proposta justifica-se pela pretensão de colaborar com as políticas de formação de professores em tempos de pandemia. De abordagem qualitativa, essa pesquisa foi feita a partir da aplicação de um questionário presencial, aplicado aos professores de uma turma matriculados no Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica - PARFOR na disciplina de História I Ministrada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre-UFAC no Município de Porto Walter–Acre. Esses trabalhadores, professores e ao mesmo tempo estudantes do curso de Pedagogia de um programa de formação de professores, também foram impactados com a COVID-19 de forma pessoal e acadêmica, passaram um ano e seis sem estudar em virtude da pandemia, pois em suas localidades não há acesso à internet.

O Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica-PARFOR é destinado aos professores da rede pública da educação básica, em exercício há pelo menos 03 anos, sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LBD. Os professores aptos a essa formação se e inscrevem na Plataforma Freire⁴ e nos cursos correspondentes às disciplinas que mi-
4 A Plataforma Freire, criada pelo Ministério da Educação, é a porta de entrada dos professores



Trabalhadores em tempos de pandemia

nistram na rede pública de ensino.

Em relação à abordagem qualitativa, Marconi e Lakatos (2010, p. 269) apontam que “a metodologia qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. A pesquisa qualitativa em educação é indispensável, pois em sua essência valoriza as influências do contexto social na compreensão da realidade em que os sujeitos estão inseridos, questões essas que a descrição quantitativa não consegue alcançar com profundidade.

A modalidade de pesquisa utilizada para esse estudo foi a pesquisa de campo. Marconi e Lakatos (2010, p. 169) ressaltam “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”. O questionário foi aplicado de modo presencial, quando a pesquisadora aplicava a disciplina história I na turma de Pedagogia. Participaram da pesquisa 26 professores do sexo feminino e 12 são do sexo masculino.

Diante desse cenário impactante na vida de todos, o problema de pesquisa sobre o qual este trabalho se deterá foi norteado pelas seguintes questões: Quais as principais dificuldades encontradas na sua vida pessoal e acadêmica durante a pandemia da covid-19? Quais os desafios enfrentados com o novo formato educacional: o Ensino Remoto Emergencial – ERE em um Município sem acesso a internet?

O período de coleta foi no mês de setembro de 2021. Os dados foram analisados com base em aporte teórico de Marconi e Lakatos (2010), Senhoras (2020), Santos, Neves (2020) dentre outros autores que pautam uma discussão sobre a temática em foco.

A PANDEMIA E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES RIBEIRINHOS DO MUNICÍPIO DE PORTO WALTER-ACRE

da educação básica pública, no exercício do magistério, nas instituições públicas de ensino superior.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Porto Walter é um município que fica localizado no oeste do estado brasileiro sua população é de 10.500 habitantes e sua área é de cerca de 6.093,4 km², limita-se ao Norte com o município de Tarauacá ao Sul com o Peru, a leste com o município de Marechal Thaumaturgo e a oeste com o município de Cruzeiro do Sul-Acre.



Fonte: bing.com/images

Município de Porto Walter-Acre



Fonte: bing.com/images



Trabalhadores em tempos de pandemia

A internet no Brasil não é das melhores, além de inacessível para boa parte da população. O impacto da pandemia da COVID-19 deixou muito mais evidente esse o problema, tendo em vista a maior necessidade de comunicação virtual. O acesso à internet foi o meio mais viável e seguro para que os estudantes continuassem tendo aulas. No entanto, nem todos tiveram a mesma oportunidade, porque em algumas regiões do Brasil não há rede de internet.

Os professores participantes da pesquisa são acadêmicos da Ufac, do programa de Formação de Professores o Parfor e são também docentes da rede pública de ensino municipal e estadual. A grande maioria desses profissionais são professores provisórios. Eles residem no Município de Porto Acre, afluentes do Rio Juruá, nas seguintes comunidades: Rio Cruzeiro do Vale, Rio Grajau, Rio Ouro Preto, Rio das Minas e Rio Natal. No relato da grande maioria a pandemia trouxe muito medo, tristeza e dificuldades financeiras. No período da quarentena as escolas fecharam e, por isso, ficaram desempregados, com dívidas para pagar, família para sustentar. O sustento foi retirado da caça e pesca, na maioria das vezes, e ajuda de familiares como podemos perceber nos relatos dos professores que são apresentados a seguir:

Relato 1

Os impactos da pandemia não foram poucos, pois minha vida praticamente parou, fiquei um período sem emprego, isolada na minha casa no seringal, que nem no Município Porto Walter pude ficar. Sem poder vim até a cidade, cheguei a comer sem sal, com o medo de sair de casa, o medo tomou conta de mim, abalou minhas estruturas mentais, quase entro em depressão

Relato 2

Mediante os impactos que sofri como: isolamento social, o medo, o desespero, a angústia, foi afetada minha vida profissional e acadêmica, pois os casos da COVID-19 só aumentavam, devido a isso, as aulas do PARFOR tiveram que ser interrompidas, assim, como as demais aulas, estaduais e municipais. Desta forma tornando meu sonho de ter o nível superior cada dia mais distante, de concorrer a um concurso permanente e passar pois com as aulas suspensas fica cada dia mais difícil de concluir o curso.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Relato 3

Diante do desemprego do vírus, sem trabalho e sem esperança de tudo voltar a o normal, foi preciso procurar outros meios de sobreviver. Foi quando resolvi pescar para colocar a comida na mesa de casa e conseguir nos manter atreves da venda do peixe. Nessa saídas, ainda fui contaminado pelo o vírus, graças a DEUS fiquei curado. mas hoje sofro com as sequelas cansaço, muita falta de concentração e memória.

Relato 4

Tive depressão com essa pandemia, não só eu, mais foi uma depressão da humanidade, foram muitas perdas todos os dias. Muitas vidas perdidas tantos de classes baixas, medias e altas, sem terem o enterro digno, não serem velados por sua família!! Muito triste tudo isso!

Relato 5

Como aluna do PARFOR fomos prejudicados tivemos que parar a aula por motivo da pandemia, pois também não ter em nosso município laboratório e internet adequada para oferecer o curso de pedagogia em aulas remotas. Então fomos obrigados a parar que isso trouxe muito atraso para todos nós acadêmicos do “ PARFOR” do município de Porto Walter –Acre no Curso de pedagogia.

As aulas foram suspensas em março de 2020. Os alunos do Parfor não tiveram acesso à modalidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido às dificuldades de obtenção da internet. Além disso, não foi traçado nenhum outro plano emergencial pela universidade. As aulas desses acadêmicos retornaram de forma presencial em setembro de 2021.

Para realizar o trabalho docente, os professores da educação básica entregavam as atividades na casa dos alunos. Esse processo foi extremamente cansativo, em razão das prolongadas horas destinadas às viagens de longas distâncias. Para a locomoção os professores utilizavam meio de transporte próprio ou fretavam uma canoa. Essa sobrecarga de trabalho afetava a vida dos docentes. Uma das dificuldades elencadas por eles era o cansaço da viagem. O carro volante avisa, nas localidades, que os professores passariam para entregar as atividades, porém, muitas vezes, as casas das famílias estavam fechadas e o professor não conseguia entregar a atividade. Isso era frustrante.

Outro fator importante elencado por esses professores, era o fato de algumas famílias não



Trabalhadores em tempos de pandemia

aceitarem a presença do professor em casa, porque não acreditavam na eficácia do Ensino Remoto. Além disso, a grande maioria desses familiares são analfabetos e, por isso, não conseguiam ajudar os filhos nas atividades.

A obra de Santos (2020) intitulada “O futuro começa agora, da pandemia a utopia”, apresenta várias inquietações sobre a pandemia e uma delas é justamente a situação dos trabalhadores sem contrato efetivo. No livro ele questiona: “o que significa a quarentena para trabalhadores informais que ganham hoje para comer hoje”? “Morrer do vírus ou morrer de fome, eis a opção” (SANTOS, 2020, p 106). Na opinião do autor esses dilemas têm exposto o drama dos trabalhadores e trabalhadoras informais em todo o mundo.

Em 19 de março de 2020, jornais brasileiros anunciavam a primeira morte oficial no estado do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma mulher de 63 anos, residente num município próximo em Miguel Pereira, e que trabalhava como empregada doméstica no Leblon, bairro de classe média alta. Sua patroa, chegada de uma viagem à Itália, dias antes, omitiu que havia contraído a doença. A empregada, diabética e hipertensa, ou seja, parte de um grupo de risco indicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) não foi capaz de vencer o vírus. A realidade dessa mulher é semelhante a de milhares de outras pessoas, sem um trabalho fixo, muitas vezes sem direito a um contrato de trabalho. A idosa de Miguel Pereira faz parte de um grupo de trabalhadoras como muitos que se arriscaram suas vidas em busca da sobrevivência.

Santos (2020) ainda prossegue em seus questionamentos, o que representa a quarentena para esses trabalhadores que tendem a ser os mais rapidamente despedidos sempre que há uma crise econômica? O setor de serviços informais, onde estão muitos trabalhadores atuam, será uma das áreas mais afetadas pela quarentena. Foram os mais seriamente afetados pela pandemia. Segundo a organização Internacional do Trabalho (OIT), em abril de 2020, cerca de 1,6 bilhão de pessoas trabalhavam na economia informal, corresponde a 90% do emprego total nos países de rendimento baixo, 67% nos países de rendimentos médio e 18% nos países de rendimentos alto. As mulheres, por exem-



Trabalhadores em tempos de pandemia

plo, segundo Santos (2020), estão entre as mais expostas à informalidade nos países de baixo e médio rendimento e geralmente estão em situações mais vulneráveis que os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 trouxe diversas mudanças em nossas vidas, em inúmeros meios, em nossa casa, trabalho, estudos e até mesmo nas nossas próprias relações pessoais. Devido a isso, tivemos que nos adaptar ao que seria o “novo normal”, mas sabemos que o “novo” nem sempre é bem aceito. Junto à pandemia, vieram as mudanças de hábitos, e podemos dar uma ênfase a essas mudanças no nosso âmbito de universidade, o ensino superior.

Devido às medidas de distanciamento, os alunos tiveram que estudar em casa, e esse ensino remoto, frente à crise sanitária vivenciada, foi a opção que os alunos tiveram para continuar os estudos na universidade, pois, como sabemos, é de grande importância um certificado de ensino superior.

Esse novo método de ensino trouxe aos estudantes diferentes possibilidades de aprendizado, pois tiveram um maior tempo em casa para estudar, para ler e fazer os trabalhos e provas. Por outro lado, o ensino remoto mostra inúmeros pontos negativos, pois nem todos os alunos têm acesso à internet e isso traz uma grande dificuldade de acompanhar as aulas, de participar dos trabalhos propostos pelos professores e até mesmo de fazer as provas.

Esse estudo apresentou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes do PARFOR e suas trajetórias como acadêmicos da Universidade Federal do Acre/Campus Floresta no Município de Porto Walter–Acre, e como professor da rede pública de ensino frente aos desafios da pandemia e do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Mesmo o ERE sendo uma alternativa para os estudantes neste momento de pandemia, esses professores não tiveram acesso em razão da indisponibilidade de rede de internet na região onde residem. As aulas do Parfor ficaram suspensas desde março de 2020 e só iniciou de forma presencial em setembro de 2021. A dificuldade de realização do trabalho docente foi muito



Trabalhadores em tempos de pandemia

grande devido a falta de recursos tecnológicos e a sobrecarga de trabalho.

Podemos concluir evidenciando as dificuldades no contexto brasileiro em levar educação de qualidade aos lugares mais remotos do país. Em um país com dimensões territoriais gigantescas como o nosso, não é fácil chegar em determinadas regiões. Agregue-se a isso a falta de políticas educacionais eficientes e inclusivas que atendam a esse público isolado, dificultando insistentemente que uma educação de qualidade chegue aos lugares mais distantes. Como se não bastasse, vivemos atualmente a pior crise sanitária da história de nosso país, o que contribui para que a educação brasileira, dentro do contexto atual, seja cada vez mais uma educação para poucos.

O autor Boaventura de Souza Santos (2020) ainda evidencia as negligências sofridas pela população carente atualmente, e ele traz um provável culpado para esse cenário de desigualdade, o capitalismo neoliberal. O mundo tem sido movido por muitas coisas supérfluas, deixando de lado necessidades muito mais emergentes. Diante disso, Santos (2020) faz um “apelo” para que esta pandemia não seja vista apenas como um símbolo de dor e sofrimento, mas também de aprendizado, para que as pessoas possam não só cuidar mais do planeta e dar mais importância à família, mas também para que novos valores sejam redefinidos, como o da simplicidade de vida, por exemplo.

Para Senhoras (2020) a presente pandemia trouxe uma mudança paradigmática nas inclusões educacionais, uma vez que as tecnologias digitais eram tidas como soluções facultativas à práxis pedagógica docente e hoje, são vistos como essenciais para a eficiência do ensino–aprendizagem.

Compreendemos que este momento já está trazendo mudanças para refletirmos nossos sistemas educacionais e a formação, não somente dos nossos estudantes, como também dos professores. Acreditamos que se está criando um “divisor de águas” (SENHORAS, 2020, p. 69), no cenário educacional com o aparecimento da pandemia da COVID-19.

Enfim, para nós, o depois será um processo de ressignificação dos métodos educacionais e acrescentamento dos diálogos sobre o currículo, a maior valorização do ensino híbrido e dos intercâmbios por diferentes meios, presenciais ou virtuais, práticas das políticas públicas e reformas



Trabalhadores em tempos de pandemia

educativas, dentre outras. Nos parece que está sendo apreendido pela comunidade acadêmica que, mesmo estando geograficamente distantes, podemos estar reunidos virtualmente e gerando as relações pedagógicas e, por consecutivo, o desenvolvimento do sujeito.

REFERÊNCIAS

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NEVES, Castro. Jose Roberto. O mundo pós pandemia: reflexões sobre uma nova vida. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. A Cruel pedagogia do vírus. São Paulo: Boitempo, 2020.

_____. O futuro começa agora: da pandemia a utopia / Boaventura de Souza Santos – 1. Ed – São Paulo: Boitempo, 2021.

SENHORAS, Elói Martins. Educação, Ensino superior e a pandemia da COVID-19. Boa vista: Editora da UFRR, 2020.



**A SOBRECARGA FEMININA NO CONTEXTO
PANDÊMICO**

**Capítulo
4**

A SOBRECARGA FEMININA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Vera Lúcia Bertolino Gonçalves¹

Luiz Alberto Bardal ²

Ana Lúcia Bertolino Muneratti³

INTRODUÇÃO

Adaptações, contas para serem pagas, responsabilidades com o próprio eu, dedicação, ajudas psicológicas e transformações: palavras que podem ser lidas de forma simples e objetiva, mas desde março de 2020 foram maximizadas pelo período pandêmico, e muitas vezes se convertendo para crises tanto profissionais quanto pessoais. Neste cenário caótico, a maioria das empresas e companhias adotaram o home office como principal modelo de trabalho, porém a falta de familiaridade fez com que profissionais, principalmente as mulheres, desviassem algumas barreiras da própria privacidade. No decorrer do capítulo será relatada a experiência de três profissionais mulheres sobre o universo feminino na pandemia da Covid-19, ressaltando superações e mudanças na rotina como tentativa de contrapor - ou tentar contrapor - as novas dificuldades da nova realidade.

Aspectos comportamentais e psicológicos foram abalados pela pandemia da Covid-19, obrigando a população a viver de modo diferente e a descobrir formas de agir em cada situação inesperada.

1 Graduação em arquitetura e urbanismo pela UNINOVE. Com MBA em liderança pela Universidade de Santa Catarina, com Pós-graduação em ergonomia pela FAMESP; Pós-graduação em engenharia de segurança pela USP.

2 Engenheiro Civil pela FAAP/SP e Advogado pela PUC/SP. Pós graduação em Engenharia de Segurança pela FAAP/SP, ESG - Sistema de Gestão Integrado MBA em Business Administration – IBMEC/RJ. Mestrado em Saneamento Ambiental pela Universidade Mackenzie/SP. MBA pelo CEAG FGV/SP.

3 Cursando Jornalismo na Cásper Líbero.



Trabalhadores em tempos de pandemia

da. Pesquisas mostram (FERREIRA, 2021) que o gênero mais afetado foi o feminino, com mulheres sobrecarregadas de tarefas, algumas demitidas, filhos em casa para cuidar e acompanhar aulas online, problemas financeiros, violência doméstica e, principalmente, a saúde mental desgastada.

Entre maio e junho de 2020, período em que o vírus ainda era recente e não se sabia muitas informações, foi realizado um estudo com homens e mulheres dos 26 estados brasileiros e do Distrito Federal mostrando exatamente um grande número de queixas de depressão, ansiedade e estresse. A pesquisa e divulgação feitas pela equipe do neuropsicólogo Antônio de Pádua Serafim, do IPq (Instituto de Psiquiatria) do Hospital das Clínicas da FMUSP (Faculdade de Medicina da USP), manifestou que as mais afetadas foram as mulheres: 40,5% de sintomas de depressão, 34,9% de ansiedade e 37,3% de estresse.

Peripécias no universo feminino

Se já não bastassem tantos desajustes e confrontos diários, as mulheres ainda necessitam ficar mais alertas por conta da violência doméstica (GONÇALVES, 2021). A ONU Mulheres divulgou um alerta mundial para organizações sociais, autoridades políticas e sanitárias com objetivo de reforçar e advertir como a pandemia da Covid-19 podia danificar a vida delas.

O lar virou um ambiente ainda mais hostil do que era antes. De acordo com a pesquisa do Instituto Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e divulgada em abril de 2021 (PAULO, 2021), uma em cada quatro mulheres acima de 16 anos sofreu algum tipo de violência no Brasil no último ano. Cerca de 24,4% de mulheres - 3% a menos em relação à última pesquisa em 2019 - enfrentaram violência física, psicológica ou sexual.

Na pesquisa anterior, o principal autor das agressões era o “vizinho”, mas este sumiu no protagonismo, que foi tomado por pai, mãe, irmão, irmã, padrasto, madrasta, filho e filha. Quando mulheres acima de 50 anos são vítimas, a participação de filhos e enteados nas agressões cresce. Ain-



Trabalhadores em tempos de pandemia

da segundo a Datafolha, 73,5% dos cidadãos brasileiros acreditam que a violência contra as mulheres aumentou no último ano, e 51,5% deles já viram alguma situação de violência contra a mulher nos últimos doze meses.

Incertezas pelo que vem pela frente são questionamentos frequentes desde a chegada do vírus, fato preocupante para mulheres tanto empregadas quanto desempregadas, e, agregado a isso, parte delas fogem dos novos problemas trazidos por ele. Dois panoramas podem ser repartidos entre o universo feminino profissional, que transparecem desde o impacto da chegada do empecilho até a “adaptação” de viver junto dele.

O desafio de cuidar e ajudar os menores

“Eu, particularmente, já fiz uma chamada de vídeo da UTI Neonatal para mostrar o filho recém-nascido a um pai que estava internado com Covid-19”, comentou a Dra. Nathalia Bardal, pediatra e neonatologista. “A mãe estava com estado gravíssimo na UTI e foi conhecer seu filho somente após cerca de dois meses.”



Dra. Nathalia Bardal



Trabalhadores em tempos de pandemia

A UTI Neonatal é um enorme desafio entre os profissionais da saúde, já que acolhe uma nova vida que está correndo risco. A unidade busca o tratamento de prematuros que apresentem alguma situação adversa ao nascer, e uma das profissionais que trabalham em prol disso é Nathalia Bardal, 36 anos, paulistana, e morando atualmente em Brasília. Ela tem formação em Pediatria e Neonatologia pela USP (Universidade de São Paulo), e há cerca de dez anos atua somente na área neonatal e maternidades, tanto na rede pública quanto na rede particular.

Nathalia afirmou que é maravilhoso exercer a profissão que atende o futuro das gerações, mas ao mesmo tempo muito desafiador, pois a responsabilidade dos profissionais da área é enorme, cuidam de seres frágeis nascidos muitas vezes com menos de 1000g. “Nossas ações dentro da UTI Neonatal vão repercutir na vida adulta desses pequenos pacientes”, comentou a Dra.

Se já não bastasse a preocupação de entregar para famílias crianças com plenas capacidades motoras, intelectuais e sociais, o período do coronavírus afetou grandemente a área. Novas recomendações foram implementadas desde a sala de parto e seguimento do recém-nascido, até a amamentação e acolhimento à família e à equipe.

“Nós sentimos muito medo. O medo de levar a doença para dentro de casa nos assombrou por meses”, relatou Nathalia sobre o sentimento da equipe médica com a chegada do vírus. A incerteza virou companhia no dia a dia, o que acarretou no desenvolvimento de um transtorno ansioso. O tratamento medicamentoso foi necessário, como em outros milhares de casos com quadros agravados na procura por psicoterapias.



Trabalhadores em tempos de pandemia



Telma Augusta

Da mesma forma que a área médica, em geral, foi afetada mentalmente, o cenário dos professores, principalmente de redes públicas, sentiu o mesmo abalo. Telma Augusta, 43 anos, pedagoga e professora, também tem queixas de crises de ansiedade. Desde março de 2021, a professora dos anos iniciais dos municípios de Hortolândia e Monte Mor, situados no interior do Estado de São Paulo, consegue dormir apenas à base de medicamentos, levando em conta que sua vida se transformou em uma tremenda correria. É como seguir em um ritmo acelerado com a sensação de chegar a lugar nenhum.

“As mudanças ocorridas nesse período de pandemia são como um ‘tsunami’. Veio uma onda gigante e agora temos que lidar com todos os estragos que ela causou, conforme essa água vai baixando lentamente. Além de lidar com todas as questões pessoais e profissionais, convivo com o medo diário de uma doença que é transmitida por um vírus invisível.”

A pandemia da Covid-19 revolucionou diversas formas de ensinar e educar os alunos dentro



Trabalhadores em tempos de pandemia

das escolas. O professor se tornou multitarefas, e, sobretudo do lado público, os impactos foram maiores aos grupos de famílias, acolhidos pelos profissionais da educação. “Quase sempre servimos muito mais às questões sociais do que educacionais, de fato”, afirmou Telma. Questões como desemprego, saúde, falta de alimento e dificuldades financeiras começaram a ser tratadas pelo contato direto do professor com o responsável da criança, e não certamente com o próprio aluno, quando estava na sala de aula presencialmente.

Com o método de ensino remoto, especialmente no caso da Educação Infantil, os professores precisaram se reinventar. Nesta etapa do ensino, as crianças começam a interagir e descobrir o mundo a sua volta, fora do seu ambiente familiar, fazendo amigos e aprendendo a conviver e respeitar as diferenças culturais. Porém, essas metas tiveram complicações.

Nesse período pandêmico, foi necessário o embasamento de formas atrativas para passar o conhecimento e, em alguns casos que funcionaram, a integração da família nos processos educativos. Ao mesmo tempo que alguns alunos conseguem aprender de forma e tempo natural, outros necessitam de um olhar mais sensível e uma atenção maior.

“Não consigo acessar todas as famílias, pois cada grupo tem suas concepções sobre escola e educação. Algumas realizam exatamente tudo que é solicitado, enquanto outras, por diversos motivos, não realizam o mínimo considerável para que a criança tenha contato com os conteúdos planejados”, afirmou Telma.

Além da preocupação em ensinar, ainda tem a plataforma que irá servir como propagador. Telma comentou que envia arquivos, áudio, vídeos e outras “gambiarras” pelo Whatsapp, ferramenta que não foi criada para fins educacionais. Atualmente, a professora está com uma sala do quarto ano no período da manhã, em Monte Mor, e uma de primeiro ano no período da tarde.

“Tive duas crianças do 4º ano que frequentavam os encontros, enquanto as



Trabalhadores em tempos de pandemia

demais solicitavam auxílio com as explicações. As famílias alegavam vários fatores, mas o principal era o período de estudo (de manhã). Como os atendimentos começaram a ficar mais individualizados, demandava mais tempo do que eu tinha disponível. Parei com os encontros de videochamada e comecei a gravar vídeos, quase diários, na tentativa de explicar os conteúdos trabalhados. Minha rotina de trabalho mais do que dobrou, e parece que sempre tenho algo a fazer.”

Enquanto a medicina exige entrega e atualizações diárias, a educação clama por gentileza e disponibilidade. O equilíbrio entre vida profissional e pessoal é necessário. De um lado temos a Dra. Nathalia Bardal, casada e com filhos de 5 e 7 anos. Do outro, a professora Telma Augusta, também casada, com filhos de 22 e 12 anos. Duas profissionais dedicadas em ajudar as crianças, seja em salvar vidas, seja em educar.

Nova “viagem”: do quarto para a sala

O turismo nacional, diante das novas rotinas impostas pelo novo coronavírus, registrou perdas nunca vistas antes. Com o fechamento de fronteiras, voos suspensos, estabelecimentos comerciais e pontos turísticos ao redor do Brasil, o setor de viagens decaiu constantemente desde a chegada da Covid-19. A insegurança e o medo de se contaminar fez com que milhares de brasileiros cancelassem ou remarcassem suas viagens, o que pôs em risco o setor que corresponde por cerca de 8,1% do PIB e emprega cerca de sete milhões de pessoas direta e indiretamente, de acordo com A Retomada do Turismo (COSTA, 2020), aliança nacional para atenuar os efeitos negativos.



Trabalhadores em tempos de pandemia



Ana Paula Bertolino Muneratti

Uma dessas profissionais da área é Ana Paula Bertolino Muneratti, 44 anos, agente de viagem. Ela começou sua trajetória em 1998 no Hotel Fazenda Castelo Branco, quando ainda cursava faculdade de Turismo. Cinco anos depois, o hotel fechou e abriu sua própria agência com o apoio principalmente do pai, que acreditou no seu potencial e ajudou na compra dos equipamentos para iniciar a B&M Lazer e Eventos.

“O Turismo está sempre sujeito a crise, seja condições climáticas ou financeiras. Alta do dólar, alta do euro, terremotos, furacões, óleo nas praias do Nordeste brasileiro”, comentou Ana Paula. Se antes já havia embaraços, a crise da Covid-19 veio para afetar drasticamente. “Acredito que foi uma das piores (crises) que já passei em toda minha trajetória.”

Em todo o Brasil, de acordo com a Confederação Nacional de Comércio, Serviços, Bens e Turismo (CNC), até julho de 2020 o setor acumulou perdas de R\$ 87,7 bilhões (AMORIM, 2021). Desde o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, e as Cataratas do Iguaçu, no Paraná, até a Torre Eiffel, em Paris, e os parques da Disney, nos Estados Unidos, já chegaram a ficar sem nenhum visitante.

O afrouxamento de restrições aqui no Brasil, principalmente em hotéis, começou a ser bastante executado no início de 2021, já que hoje os locais chegam a trabalhar até com 80% de ocupação.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Para o exterior já é mais complicado. Para ir do território brasileiro ao americano, por exemplo, é necessário estar vacinado por completo e cumprir uma quarentena de 15 dias nos países como México e Colômbia.

Antes desse período, Ana Paula relatou que ficou parada por 4 meses - de fevereiro a junho de 2020 - sem vender nada, apenas resolvendo problemas de remarcações de viagens compradas por clientes. O mundo virou home office para esse setor também, principalmente os autônomos.

“Após junho de 2020, alguns hotéis no interior de São Paulo começaram a atuar com 20% de ocupação, com todos os protocolos regulamentados pela Prefeitura local. Foi onde investi financeiramente em um final de semana no Tauá Hotel Atibaia para poder alavancar minhas vendas, mostrando a retomada com todas as medidas adotadas. Este foi meu ponto inicial.”

As operadoras e companhias aéreas tiveram que adotar um material complementar de ajuda para os agentes. Os treinamentos foram todos virtuais, adequando-se a essa realidade que todos estão vivenciando. Os locais home office de Ana Paula não foram só do seu apartamento, mas também da casa da mãe, e de ajudas familiares para questões financeiras. “Tenho uma filha no segundo ano da faculdade de Jornalismo, e precisei da ajuda das minhas irmãs para pagar. Sou viúva e minha fonte de renda atualmente é o meu trabalho. Fui bem prejudicada”, relatou.

A circulação de turistas já está sendo real, já que a insegurança e o medo viraram formas de adaptação. No caso da agente de viagem, a forma que lidou com todas as barreiras causadas pela pandemia deu retribuição e conseguiu novos clientes. O ponto forte para que isso tenha ocorrido foi o seu atendimento e, principalmente, o pós-venda, quando o cliente indica o trabalho aos conhecidos. “O boca a boca é muito presente no meu trabalho.”

Mudança, transformação, adaptação, novidades



Trabalhadores em tempos de pandemia

O universo feminino é plural, complexo e diverso. Para as mulheres, os desafios são adicionais aos que se colocam aos homens. A pandemia nos mostrou o quanto cada ser humano está interligado. Um vírus que estava do outro lado do planeta chegou e, em poucos meses, transformou a vida de milhões de pessoas de uma maneira que jamais pudéssemos imaginar.

As experiências relatadas são distintas, mas um conceito foi mencionado por todas: transformação e paciência. Não mais só consigo mesma, mas em todas as ocasiões vividas hoje em dia.

Atualmente, a humanidade estará segura somente quando todos estiverem seguros. Não se trata mais de um processo particular e único, mas sim coletivo e que necessita de muita generosidade. A noção de pertencimento e responsabilidade social são mandatórias.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, I. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/14/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia.htm> Acesso em: 14 jun. 2021.

PAULO, P. P. Uma em cada quatro mulheres foi vítima de algum tipo de violência na pandemia no Brasil, aponta pesquisa. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/07/1-em-cada-4-mulheres-foi-vitima-de-algum-tipo-de-violencia-na-pandemia-no-brasil-diz-datafolha.ghhtml> Acesso em: 14 jun. 2021.

GONÇALVES, E. Violência Doméstica: pandemia tornou lar ambiente ainda mais hostil. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2021-06/violencia-domestica-pandemia-tornou-o-lar-ambiente-ainda-mais-hostil> Acesso em: 12 jun. 2021.



Trabalhadores em tempos de pandemia

AMORIM, D. Pandemia faz turismo brasileiro acumular prejuízo de R\$ 261,3 bilhões de março a dezembro. Estadão, 2021. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,pandemia-faz-turismo-brasileiro-acumular-prejuizo-de-r-261-3-bilhoes-de-marco-a-dezembro,70003580157>
Acesso em: 16 jun. 2021.

COSTA, A. Governo federal lança a Retomada do Turismo. Ministério do Turismo, 2020. Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/13995-governo-federal-lan%C3%A7a-a-retomada-do-turismo.html> Acesso em: 20 jun. 2021.



**ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAL DURANTE
A PANDEMIA DE COVID-19: PROPOSTAS, EN-
TRAVES E SOLUÇÕES**

**Capítulo
5**

ENSINO E TECNOLOGIAS DIGITAL DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: PROPOSTAS, ENTRAVES E SOLUÇÕES

Aline Prado Atassio¹

Israel Aparecido Gonçalves²

INTRODUÇÃO

O avanço da utilização de tecnologias digitais em sala de aula foi rápido e potencializado pela pandemia de covid-19. Há alguns meses nós, profissionais da educação, ainda discutíamos a possibilidade de implementar salas de aulas virtuais, para atuarmos eventualmente com nossos alunos.

Hoje, isso se tornou uma realidade imposta pelo contexto, sem tempo para as transformações e adaptações necessárias ao bom funcionamento da nova dinâmica de ensino.

Assim, a adaptação de alunos, professores e da própria estrutura escolar não se deu com a mesma celeridade que a pandemia impôs. Alguns questionamentos tornaram-se rotineiros na vida de todos aqueles que estão envolvidos com a educação: estarão os professores e as escolas aptos ao ensino digital e ao uso de tecnologias em sala de aula? A pedagogia ampara esse tipo de metodologia? Como escolher a melhor tecnologia? E o ensino híbrido, é uma alternativa viável e com garantia de aprendizagem satisfatória?

Este texto tem por objetivo analisar as tecnologias de educação à distância mais utilizadas em tempos de pandemia de covid-19, suas potencialidades, possibilidades e suas implicações.

Para atingir tais objetivos, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica com dados sobre a educação no Brasil nos anos de 2020 e 2021, bem como a leitura de textos teóricos sobre o tema,

1 Doutora e Mestra em Ciências Sociais pela UFSCar

2 Professor de História e doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política na UFSC e Mestre em Ciência Política pela UFSCar.



Trabalhadores em tempos de pandemia

que buscam esclarecer tanto a metodologia de ensino à distância e híbrido, quanto as tecnologias que envolvem esse processo.

As metodologias ativas no ensino à distância

A prática pedagógica tradicional é centrada em dois pilares: a fala do professor e a leitura do aluno. Para tanto, é necessário contar sempre com o que Almeida (2018) chamou de passividade do aluno e sua disposição para aprender o que desejamos ensinar. Atualmente, não é viável imaginar esse modelo de ensino como uma receita de sucesso, frente às novidades tecnológicas e as transformações que as pedagogias estão propondo desde a década de 1960-1970, pautadas em uma educação mais libertária e menos impositiva.

No contexto atual, os professores desejam um perfil de aluno diferenciado, voltado especialmente para a participação. Alunos que interagem, questionam, tiram suas dúvidas e propõem desafios. Alunos cidadãos!

Para tanto, os professores também passaram pelo desafio de capacitar-se a fim de estarem apropriadamente munidos de tecnologias pedagógicas e conhecer o cenário da nova educação. Esse é um movimento que vem ocorrendo desde antes da pandemia de covid-19, pois as mudanças já eram avistadas e desejadas.

As metodologias ativas são as ferramentas utilizadas para a proposição desta educação inovadora. Através delas, é possível transformar o ambiente de sala de aula em experiências significantes para os alunos. De acordo com ALMEIDA (2018, p.16)

é essencial uma educação que ofereça condições de aprendizagem em contextos de incertezas, desenvolvimento de múltiplos letramentos, questionamento da informação, autonomia para resolução de problemas complexos, convivência com a diversidade, trabalho em grupo, participação ativa nas redes e



Trabalhadores em tempos de pandemia

compartilhamento de tarefas.

As metodologias ativas são meios de transmissão de conhecimento e informações caracterizados por um movimento inter-relaciona entre educação, sociedade, cultura, política, escola (ALMEIDA, 2018).

O desenvolvimento dessas metodologias se dá através de meios ativos, que devem ser criativos e centrado na figura do discente. O objetivo segue sendo o mesmo: proporcionar aprendizagem. No entanto, essa aprendizagem não deve ser impositiva e sumariamente hierarquizada.

A concepção de educação libertária surge antes das Tecnologias Digitais e Informação e Comunicação (TDIC), datando do início dos anos 1964, com a chegada da Nova Escola, tendo autores como William James, John Dewey e Édouard Claparède dentre os mais significativos teóricos. Ensino focado na aprendizagem através da experiência e na autonomia do indivíduo eram as propostas mais firmes desse grupo de pensadores da educação.

De acordo com ALMEIDA (2018, p.17)

A Escola Nova de John Dewey, pautada pelo aprender fazendo (learning by doing) em experiências com potencial educacional, se faz presente em tempos de metodologias ativas integradas com as TDIC. Dewey propôs uma educação entendida como processo de reconstrução e reorganização da experiência pelo aprendiz (DEWEY, 1959), orientada pelos princípios de iniciativa, originalidade e cooperação com vistas a liberar suas potencialidades. Assim, a educação não é a preparação para a vida, ela acompanha a própria vida, o desenvolvimento do ser humano, sua autonomia e aprendizagem por meio da experiência e da reflexão sobre a experiência que impulsiona estabelecer relações, tomar consciência, construir conhecimento e reconstruir a experiência.



Trabalhadores em tempos de pandemia

No Brasil, a pedagogia de Paulo Freire é a mais próxima a proposta pela Nova Escola. A confluência de ideias e até mesmo a superação das propostas de Dewey, James e Cleparéde pela pedagogia freiriana é patente.

As propostas de Freire de uma educação dialógica, conscientizadora e participativa, que é construída a partir do questionamento da realidade do aluno, contribui para despertar curiosidade, inquietações e pensar o mundo concreto para, depois, transformá-lo.

Formação docente: o novo professor

O novo docente ou o docente que está há muitos anos em sala de aula questionam-se sobre o processo de formação pelo qual passaram. Muitos estão prestes a ingressar no mundo digital das escolas e preocupam-se com a qualidade de sua própria formação para o uso de tecnologias em sala de aula. É preciso lembrar que o próprio exercício docente mudou.

Os papéis que os professores podem desempenhar na modalidade híbrida ou EAD são variados e tem muitas nomenclaturas: professor formador, realizador de cursos, pesquisador, tutor, tecnólogo educacional, professor recurso e monitor.

O quadro 1 compara os papéis e funções do professor no ensino tradicional presencial tradicional e na modalidade EAD.

Quadro 1- O papel do professor no ensino presencial e no ensino EaD

Professor presencial tradicional	Professor modalidade EaD
“Mestre” que controla a administra as aulas.	Parceiro, prestador de serviços quando o aluno sente necessidade ou produtor de materiais.
Atualiza-se em uma disciplina específica.	Atualiza-se constantemente, não somente em uma disciplina.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Usa o a aula expositiva como recurso principal em sala de aula.	Usa a diálogo dinâmico em plataformas de aprendizagem, redes sociais, videoconferências, chats, fóruns de discussão.
Tem o monopólio do saber.	Constrói coletivamente o conhecimento.
Valoriza o trabalho individual.	Valoriza o trabalho em equipes interdisciplinares.
Valoriza a autoridade centralizadora.	Valoriza a parceria e a colaboração.
É um formador – orienta o estudo e a aprendizagem, ensina a pesquisa, a processar a informação e a aprender.	É um pesquisador – reflete sobre sua prática pedagógica, orienta e participa da pesquisa de seus alunos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Atualmente, especialmente como reflexo da pandemia de covid-19, os professores estão sendo chamados à utilização das metodologias ativas que, segundo Moran (2018), são caminhos inovadores para avançar o conhecimento profundo, nas competências socioemocionais e em novas práticas educativas.

Essas práticas exigem que o professor utilize um modelo da aprendizagem que parta de problemas reais, desafios, jogos, atividades e leituras desafiantes para o aluno, onde são combinados tempos individuais e coletivos para a realização das atividades e dos projetos de aprendizagem individuais e em grupo.

O papel do professor é dirigido por uma perspectiva integradora e cada vez mais adjunta do que definimos acima como “modalidade EaD” (ver tabela). Atualmente, o docente deve ser capaz de empregar e também de escolher e avaliar as ferramentas digitais que utilizará para realizar seu trabalho.

Caso o trabalho seja realizado em escolas públicas, onde o acesso aos recursos tecnológicos pode se restringir unicamente ao ambiente escolar, é preciso que haja um trabalho misto e que as atividades não sejam pautadas apenas no ensino digital.



Trabalhadores em tempos de pandemia

O docente deve estar apto a interatuar com desiguais níveis de conhecimento das ferramentas digitais, que variam não apenas de geração para geração, mas também de acordo com as condições socioeconômicas de cada escola.

Entretanto, é preciso qualificação educador para tanto. Não basta ao professor o conhecimento funcional da tecnologia, é preciso saber como usá-la em ambiente escolar. Assim, o domínio técnico é importante, mas para ter os objetivos atendidos e não se frustrar em uma experiência digital, é preciso que o docente saiba explorar as possibilidades didáticas dos recursos.

É necessária uma reflexão sobre os aspectos psicopedagógicos e psicocognitivos da utilização de ferramentas e recursos digitais em sala de aula. Saber como, porque e quando usar as ferramentas e selecionar as ferramentas adequadas para o perfil dos alunos faz-se imprescindível.

Como escolher a melhor tecnologia?

De modo geral, a tecnologia vem facilitar o acesso à informação, entretanto o papel do professor conserva-se essencial para a escolha e utilização adequada dos recursos tecnológicos, que podem ser softwares, aplicativos e plataformas e cujo objetivo é auxiliar o aluno na procura pelo conhecimento, bem como a solucionar problemas e executar tarefas que demandam raciocínio e reflexão.

É preciso lembrar que informação não é conhecimento, mas é o primeiro passo para que o conhecimento seja construído. Por esse motivo, a fonte da informação precisa ser confiável e segura, garantindo a idoneidade das informações obtidas.

O docente tem a sua disposição uma série de ferramentas, que podem ser utilizadas através do computador que possibilitam incrementar de sua prática pedagógica, citam-se algumas: Teleconferência; Videoconferência; Chat ou bate-papo; Fórum; Listas de discussão; Correio eletrônico (e-mail); Internet; Softwares educacionais.

A escolha deve levar em consideração diversos pontos, como o acesso dos alunos aos recur-



Trabalhadores em tempos de pandemia

os requisitados, a disponibilidade de tais recursos em ambiente escolar, se o tipo de tecnologia digital contribui para incrementar a exposição do conteúdo e como essa utilização impactará na aprendizagem, facilitando a assimilação e influenciando positivamente no processo pedagógico.

Outro ponto fundamental a ser considerado é a adequação do recurso à série em que o aluno se encontra. As tecnologias devem estar adequadas às idades e desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Segundo Moran (2018), as metodologias ativas implicam em um processo de aprendizagem que se constrói de forma equilibrada, sob três movimentos principais, a serem considerados na escolha da tecnologia: aprendizagem personalizada, aprendizagem colaborativa e aprendizagem por orientação.

Mas o que seria cada um desses movimentos?

Podemos definir aprendizagem personalizada como um modelo mais complexo para ser encontrado nas escolas públicas, pois exige adaptação aos ritmos e necessidades de cada indivíduo, demandando mais profissionais da educação.

Neste modelo, cada aluno irá, individualmente, buscar respostas para suas questões e poderá relacioná-las aos seus projetos de vida e visão de futuro. A oferta das escolas, neste caso, é de um ensino mais individualizado, monitorado e avaliado em tempo real.

A opção do aluno na aprendizagem personalizada deve ser objetiva e realista, voltadas especialmente para atividades mais práticas. Nesta modalidade de ensino, a tecnologia é utilizada tanto nas disciplinas como nas áreas de ensino, que trabalham em interface, incentivando o uso de conteúdos digitais em ambientes virtuais, estimulando a criatividade e orientando de maneira direcionada.

Muitas são as vantagens deste tipo de ensino e entre eles encontra-se o emprego exponencial de plataforma virtuais que monitoram o educando e permite que esses estudem sem o imperativo da presença do professor, garantindo um ritmo personalizado para cada aluno.

Por sua vez, a aprendizagem colaborativa é, como o nome sugere, concretizada na colaboração entre pares. Essa modalidade tem seu uso incentivado para otimizar o processo de aprendizagem



Trabalhadores em tempos de pandemia

em grupos com mesmos interesses, na modalidade presencial ou EaD.

O maior benefício é a aceleração da aprendizagem individual ou dos grupos, pois as múltiplas tarefas são realizadas de forma colaborativa entre pessoas conectadas. Outra prerrogativa é o aprendizado social proporcionado pelas interações, em diferentes atividades e situação, presenciais e virtuais. Neste modelo de aprendizagem o tutor faz a curadoria de conteúdos e seleciona matérias disponíveis. É bem-vinda roteirização de aulas e jogos, estimulando competição, colaboração e o desenvolvimento de pensamento estratégico.

Por fim, a aprendizagem por orientação com profissionais mais experientes resume-se ao movimento de aprendizagem mais corriqueiro e ocorre através do contato do aluno com o professor, tutor ou mentor.

Os educandos, em contato com profissionais experientes, podem ir além de onde chegariam sozinhos ou mesmo em grupos. Os docentes exercem papel de administradores, auxiliando os estudantes a progredirem na direção adequada da aprendizagem individualizada, definindo as estratégias de aprendizagem mais indicadas.

Esses professores também cooperam para que os alunos tenham uma visão de mundo mais estratégica e ampla, pois já vivenciaram outras experiências ainda não disponíveis para os jovens. Assim, podem levantar novos projetos e práticas, colocar outros pontos de vista e suscitar novos questionamento entre os jovens (MORAN, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, portanto, que a adoção de tecnologias digitais não é algo simples. Apesar de ser um meio bastante plausível para suprir as necessidades escolares, especialmente em momentos de crise como tem sido a pandemia de covid-19 que assolou o mundo, o uso de tecnologias não substitui a interação social e a escola física.



Trabalhadores em tempos de pandemia

No entanto, tendo em vista o mundo cada vez mais interligado, tecnológico e globalizado em que vivemos, é impossível pensar que o modelo de ensino-aprendizado tradicional seria o único existente e o mais adequado para as gerações mais jovens.

As inovações estão ganhando espaço e é preciso que os profissionais da educação se adequem, através de formação adequada, às novidades.

É preciso muito mais do que infraestrutura, apesar desta ser imprescindível. É preciso, portanto, mudança no conteúdo e na forma de passar esse conteúdo, bem como mudanças curriculares.

Não obstante os projetos desenvolvidos pelo poder público para a área, faz-se imprescindível a adaptação de currículos, materiais, da própria escola e do paradigma escolar.

A necessidade de preparação da escola, do docente e do aluno coloca-se como mais um desafio a ser enfrentado no processo de consolidação de um sistema de educação competente e justo, que não aprofunde o já grande fosso entre o ensino das escolas públicas e privadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Introdução. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática [recurso eletrônico] / Organizadores, Lilian Bacich, José Moran. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2017.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Trabalhadores em tempos de pandemia

LEÃO, J. A. As Ferramentas de Interação do Ambiente Virtual de Aprendizagem: Instrumentos que Viabilizam as Inter-Relações entre Professores e Alunos. 2015. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/as-ferramentas-de-interacao-do-ambiente-virtual-de-aprendizagem-instrumentos-que-viabilizam-as-inter-relacoes-entre-professores-e-alunos> Acesso em: 11 mai. 2021.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, J. (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf Acesso em: 12 mai. 2021.



**O ESTRESSE NO TRABALHO E A SÍNDROME
BURNOUT NO PERÍODO PANDÊMICO, EM 2020:
UMA ANÁLISE DOS TRABALHADORES DA EN-
FERMAGEM E DOS PROFESSORES NO BRASIL**

Capítulo

6

O ESTRESSE NO TRABALHO E A SÍNDROME BURNOUT NO PERÍODO PANDÊMICO, EM 2020: UMA ANÁLISE DOS TRABALHADORES DA ENFERMAGEM E DOS PROFESSORES NO BRASIL

Jheniffer Paloma Soares Dias¹

Israel Aparecido Gonçalves²

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como período de estudo o ano de 2020, onde o mundo e o Brasil presenciaram uma pandemia pelo o novo coronavírus (SARS-CoV-2), que teve início na cidade de Wuhan na China. Este novo vírus causa a Corona Virus Disease, em tradução literal, Doença do Coronavírus, no final do ano de 2019, doravante, COVID-19 (BBC, 2020). Segundo Bandyopadhyay (2020), no artigo “Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): we shall overcome”:

Vidas humanas estão ameaçadas pelo surto da nova Doença do Coronavírus 2019 (COVID-19). Em 21 de março de 2020, o COVID-19 afetou mais de 267 mil pessoas em 184 países (Organização Mundial da Saúde 2020). Esta nova doença coronavírus é declarada uma pandemia global pela Organização Mundial de Saúde. O coronavírus representa uma grande família de vírus responsáveis pelo resfriado comum a vários distúrbios respiratórios, como a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS), a síndrome respiratória aguda grave (SARS), etc. Esses vírus são transmitidos normalmente entre

1 Especialista em Psicologia Organizacional e graduada em Recursos Humanos, ambos pela FAAL.

2 Professor de História e doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciência Política na UFSC.



Trabalhadores em tempos de pandemia

animais e humanos (BANDYOPADHYAY, 2020, p.1) ³.

No Brasil, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) explica as semelhanças da COVID-19, com uma gripe e os efeitos do novo vírus:

Os coronavírus causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China

Com os relatos na mídia brasileira⁴, em uma crescente, sobre a COVID-19 e seus efeitos na China, muito se especulava sobre os efeitos da doença no Brasil (ORGAZ, 2020). O primeiro caso confirmado no país ocorreu em 26 de fevereiro e a primeira morte foi em 12 de março de 2020 (G1, 2020). Em outubro de 2020, com um cenário de alta nas mortes por COVID-19, Demenech et al. (2020), afirma no artigo “Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil”:

Diante disso, conclui-se que a desigualdade econômica pode desempenhar papel importante no impacto da COVID-19 sobre a população brasileira, seja pela distribuição desigual de oportunidades, que acarreta impactos negativos em cascata para aqueles em maior desvantagem socioeconômica, seja por meio de efeitos contextuais que prejudicam a capacidade de uma localidade

3 Tradução dos autores

4 Foram lidas 10 matérias jornalistas e selecionado duas para exemplo: Coronavírus: o impacto na economia chinesa, e por que isso é uma grande ameaça ao mundo. G1. Rio de Janeiro, 22 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/22/coronavirus-o-impacto-na-economia-chinesa-e-por-que-isso-e-uma-grande-ameaca-ao-mundo.ghtml> Acesso em: 20 de jan. 2021 e Coronavírus: Brasil é um dos mais afetados entre 75 países onde epidemia ainda cresce. BBC News. Rio de Janeiro, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53047836> Acesso em: 21 de jan. 2021.



Trabalhadores em tempos de pandemia

de responder adequadamente a essa crise sanitária (DEMENECH et al., 2020)

Conforme o texto acima, as mazelas da desigualdade sócio econômica aumentam em um contexto pandêmico. Além, das questões sociais, na esfera econômica, destaque-se a flexibilidade das leis trabalhistas, com as Medidas Provisórias 927/2020 e 936/2020, por parte do governo federal⁵. Acrescenta-se a esse contexto as oscilações econômicas do país. Essas situações sociais refletem no ambiente de trabalho e são importantes para entender doenças emocionais e a SB. CARDOSO et al. (2017) em uma revisão da literatura sobre Síndrome de Burnout (SB), assim a classificou:

A síndrome de burnout pode ser considerada uma resposta crônica aos estressores interpessoais advindos da situação laboral, uma vez que o ambiente de trabalho e sua organização podem ser responsáveis pelo sofrimento e desgaste que acometem os trabalhadores (CARDOSO et al. 2017, p.122).

Como foi o caso dos professores, ocorreu uma mudança radical no local de labor, do ensino presencial para o remoto (MILÉO, 2020). Essas mudanças afetaram o processo de ensino aprendizagem, além de fragilizar a relação empregado e emprego do professor. Os educadores, em especial da rede particular, ficaram com medo do desemprego (HONORATO; MARCELINO, 2020). Isso deve gerar insegurança para quem está trabalhando e pode levar ao esgotamento emocional deste trabalhador, ou seja, ocasionando a SB.

Outra categoria, os enfermeiros, assim como os professores podem se sentirem frustrados ou até derrotados, em meio ou após a pandemia (POLAKIEWICZ, 2020; OLIVEIRA, 2020). Beck (2016) expressa que pacientes deprimidos são pessoas sensíveis aos impedimentos que ocorrem ao longo do dia. Buscando um exemplo, com relação a tecnologia – usada no ensino remoto – e professores que dominam as ferramentas digitais, podem ter um “bloqueio” e, mesmo tendo uma noção básica

⁵ Disponível em: <https://endeavor.org.br/leis-e-impostos/flexibilizacao-das-relacoes-trabalhistas-entenda-a-mp-927-2020/> Acesso em: 10 jan. 2021.



Trabalhadores em tempos de pandemia

de internet, não conseguir nem ligar um computador (ARRUDA, 2020).

Vasconcelos, Martino e França (2018), já indicavam problemas na saúde mental de alguns enfermeiros antes da pandemia. Eles estudaram as relações entre o burnout e a sintomatologia depressiva em enfermeiros em uma unidade de terapia intensiva. Esse estudo ilustra o tema desta pesquisa. Conforme Vasconcelos, Martino e França (2018), em suas conclusões no artigo “Burnout e sintomatologia depressiva em enfermeiros de terapia intensiva: análise de relação”:

Existiu associação significativa entre a síndrome de burnout e a sintomatologia depressiva nos enfermeiros de UTI, ou seja, os enfermeiros com burnout têm uma possibilidade maior de desencadear a sintomatologia depressiva do que o grupo sem a doença (VASCONCELOS; MARTINO; FRANÇA, 2018, p. 152).

Moreira; Magalhães; De Araújo (2020, p.3), afirmam que: “O termo Burnout origina do verbo inglês to burn out referindo-se ao ato de consumir-se, de queima-se por completo”. O site do Ministério da Saúde do Brasil traz uma definição para SB:

Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade (BRASIL, 2020).

No início de 2021, o Brasil ultrapassou o número de duzentos mil mortos pela COVID-19 com mais de oito milhões de pessoas infectadas (ROSA, FIGUEIREDO, 2021). Esse cenário modificou a rotina de toda a sociedade brasileira, afetando o andamento das aulas, das empresas e das relações sociais, promovendo medo e inseguranças para todos. Essas mudanças na esfera do trabalho já eram percebidas conforme Fine D; Mahajan D; et al. (2020), no artigo “How to rebuild and reimagine



Trabalhadores em tempos de pandemia

jobs amid the coronavirus crisis”:

Mesmo antes da crise COVID-19, mudanças estruturais - por exemplo, a adoção de automação e o mover-se em direção à energia limpa - que estava remodelando o mercado de trabalho e aumento da demanda por habilidades estavam em andamento. Os avanços tecnológicos foram deverá trazer uma mudança em grande escala na demanda para funções específicas na força de trabalho. Por exemplo, a demanda estava prevista para aumentar para especialistas em TIC e gerentes, bem como para “habilidades futuras”, como alfabetização digital e cognitiva, social e emocional Habilidades. Esperava-se que a demanda diminuísse para funções administrativas (FINE D; MAHAJAN D; et al., 2020, p.7)⁶.

Nesse cenário optou-se por fazer um levantamento bibliográfico da de oitos artigos científicos, sites de órgão oficiais e revistas especializadas foram consultadas.

Para este estudo, pode-se definir a síndrome de Burnout com as seguintes características: “fortes dores de cabeça; tonturas e tremores; muita falta de ar; oscilações de humor; distúrbios do sono; dificuldade de concentração; problemas digestivos; desânimo” (BAUER, 2016, p. 28). O desânimo surge de um contexto interno, na relação trabalhador e o local de labor ou do contexto externo, situação social, econômica e as relações de trabalho (FERREIRA, 2020).

Em vista o contexto pandêmico de 2020, no Brasil, a pergunta deste trabalho versa sobre a possibilidade de na pandemia os casos de estresses e da síndrome de Burnout aumentarem entre os enfermeiros e os professores? Ainda nesse sentido, O objetivo deste artigo é analisar na literatura especializada o tema estresse no trabalho e a síndrome de Burnout. A síndrome de Burnout é expressa como doença mental, no documento, “Classificação Internacional de Doenças (International Classification of Disease), na sua décima revisão (CID-10). Por fim, este trabalho é importante porque

6 Tradução feita pelos autores



Trabalhadores em tempos de pandemia

busca estudar, por meio, da literatura especializada o estresse no trabalho e a síndrome de Burnout. Ribeiro, et al. (2020), em um estudo feito no período pandêmico, apontam que a síndrome de Burnout afetou enfermeiros na pandemia da COVID-19. Justo-Henriques (2020) também contribuiu com essa pesquisa ao afirmar que “A pandemia da COVID-19 é um fenômeno novo que acarreta sérias preocupações, sendo que a nível psicológico as repercussões esperadas poderão ficar agravadas com o déficit de profissionais qualificados para a intervenção na saúde mental da população” (2020, p. 306).

Com a COVID-19, os desafios das profissões de enfermeiro e de professor, foco desse estudo, aumentaram, no ano de 2020, conforme a literatura Araujo, et al., 2020, Ribeiro, et al., 2020, Paludo, 2020; Gestrado, 2020 e é importante, para a área da psicologia do trabalho conhecer melhor essa relação entre estresse no trabalho, SB e a Covid-19.

No site da revista Psicologia Viva há matéria assinado pela psicologia Kestenberg (2020) que vai ao encontro da escolha das categorias profissionais enfermeiros e professores. Kestenberg (2020) indica que as principais profissões acometidas pela síndrome, são elas: “profissionais da saúde em geral, principalmente médicos e enfermeiros; jornalistas; advogados; professores; psicólogos; policiais; bombeiros; carcereiros; oficiais de Justiça; assistentes sociais; atendentes de telemarketing; bancários; executivos”.

Médicos e enfermeiros, já são profissões com alto grau de estresse, somado a um período pandêmico, onde muitos foram até vítimas, a síndrome de Burnout pode atingir muitos desses profissionais. Os estudos de LARRÉ MC, et al. (2018) mostravam que os enfermeiros são profissionais que vivem no limite da saúde mental, conforme os autores “A síndrome afeta diariamente a qualidade de vida dos trabalhadores da enfermagem e o desenvolvimento de suas atividades” (2018, p.6)⁷.

Outros trabalhadores afetados com o estresse no trabalho são os professores. Conforme Paludo (2020) Estes profissionais já têm uma rotina exaustivas, com muitos alunos e burocracia. Assim,

7 O tema da saúde mental dos profissionais da área da saúde saiu da esfera acadêmica e ficou conhecido de um número maior de pessoas ao ser divulgado na revista e Psicologia Viva, matéria: Profissões com alto índice de depressão: conheça quais são! Psicologia Viva, Brasil, 18 de jun. 2020



Trabalhadores em tempos de pandemia

tiveram suas rotinas radicalmente modificadas, muitos, após a mudanças das aulas para o ensino remoto, transformaram seus quartos ou salas de casa, em salas de aulas, gerando uma confusão entre o público e o privado, ocasionando mais estresse e até a síndrome de Burnout. Conforme publicado por Araujo, et al., (2020), “COVID-19, Mudanças em Práticas Educacionais e a Percepção de Estresse por Docentes do Ensino Superior no Brasil”:

A pandemia decorrente da COVID-19 trouxe mudanças profundas para toda a sociedade, seja no seu contexto social ou profissional. Vimos o uso das tecnologias de interação e comunicação sofrerem um grande aumento em praticamente todos os segmentos produtivos, permitindo que o trabalho agora fosse executado a partir dos lares de milhões de trabalhadores em todo mundo. O processo de ensino e aprendizagem também passou por fortes mudanças neste período, suportados pelas tecnologias digitais. O trabalho, as TICs e o estresse passaram a coabitar milhões de lares de professores no mundo todo. (ARAÚJO, et al., 2020, p. 865).

Paludo (2020), indica em seu artigo “Os Desafios da Docência em Tempos de Pandemia” as dificuldades dos professores no período pandêmico, que podem ser de recursos físicos a exaustão do trabalho docente. Os docentes ficaram à mercê do estado, conforme o autor “A pandemia abalou a normalidade. A educação apresenta um agravamento das já grandes desigualdades de oportunidade, demandando mais dos nossos docentes, sem haver uma contrapartida sólida” (PALUDO, 2020, p. 50). Esse abandono do estado é confirmado pelo relatório técnico de outubro de 2020 que demonstra que mais de 50% dos professores pesquisados não receberam nenhuma formação para o uso do ensino remoto (GESTRADO/UFMG, 2020).

Acrescenta-se que até o início da década o tema estresse no trabalho e síndrome de Burnout relacionando aos professores, conforme os pesquisadores Andrade e Cardoso (2012, p.136), “demonstr-



Trabalhadores em tempos de pandemia

tra a carência de pesquisas nessa área”. Os estudos encontrados são predominantemente descritivos, não havendo estudos sobre programas de prevenção e de intervenção para cuidar do estresse do professor”.

A metodologia deste artigo centrada é pautada por uma revisão da literatura, em português trabalhos feitos por pesquisadores no ano de 2020. O Google Acadêmico foi a base de dados da pesquisa e os seguintes descritores foram usados para encontrar os artigos: estresse no trabalho, síndrome da Burnout e COVID-19.

A busca na base pelos artigos ocorreu entre outubro e novembro de 2020 e foram estudados no total 8 artigos científicos e uma monografia, 4 sobre os profissionais de enfermagem e 4 sobre professores. Todos os artigos analisados foram publicados no biênio de 2020 a 2021 e focam a realidade social brasileira.

Referencial teórico

Este trabalho analisou 4 artigos científicos na área da enfermagem e 4 artigos científicos e uma monografia na área da educação. A educação neste trabalho deve ser compreendida nas suas três modalidades: I - Educação básica, que compreende a educação infantil (de 0 a 6 anos), O ensino fundamental (de 7 a 14 anos) e o ensino médio (de 15 a 17 anos) (MENEZES, 2001).

Em relação aos profissionais da saúde. O artigo de Dal’Bosco et al. (2020, p.6-7). “A saúde mental da enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em um hospital universitário regional”. Indica que a Covid-19 impactou nos profissionais de enfermagem, pelas incertezas da pandemia, ocorrendo “(...) a prevalência e fatores associados à ansiedade e depressão dos profissionais que atuam no enfrentamento da COVID-19 (...) (DAL’BOSCO, et al., 2020, p.7).” A pesquisa indicou que:

houve prevalência de ansiedade (48,9%) e de depressão (25%). A maioria da amostra foi composta por mulheres, com mais de 40 anos, casadas ou em



Trabalhadores em tempos de pandemia

união estável, de cor branca, com ensino superior ou pós-graduação, com renda superior a R\$3.000,00, concursadas, com regime de trabalho de 40 horas semanais e tempo de atuação no hospital de 1 a 5 anos (DAL'BOSCO, et al., 2020, p.4-5).

Os autores confirmam que “(...) aspectos importantes do processo de trabalho da enfermagem diante da referida pandemia e de sinais de ansiedade e depressão, indicando um sofrimento psíquico além daquele já intrínseco da profissão” (DAL'BOSCO et al., 2020, p.6-7). Vai ao encontro dessa tese Marins et al. (2021), com o artigo “Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: A experiência da realidade vivenciada”, embasam esse trabalho ao analisarem que

A equipe de enfermagem, se faz fundamental e demonstra o quanto a dinâmica da assistência faz-se importante para o bom prognóstico do doente assistido. Diante desta, é possível observar a exigência inconsciente da equipe de enfermagem atuante frente a este cenário, visando de caráter integral a excelência, levando à sentimentos reflexivos de exaustão, cansaço e frustração quando esta não é alcançada (MARINS, et al., 2021, p.15).

A citação acima é corroborada por Medeiros Neto et al. (2021), no artigo “Fatores contribuintes para estresse na urgência e emergência em tempos de pandemia do COVID-19: o enfermeiro em foco”. Os autores indicam que a Síndrome de Burnout (SB) deriva do estresse profissional, com relação aos enfermeiros, em meio uma pandemia gera um problema de saúde pública.

Medeiros Neto et al. (2021), concluem que a COVID-19, provocou um cenário complexo, porque o contato dos enfermeiros com os pacientes e seus dramas do dia a dia no hospital fez com que ele fossem “(...) mais predispostos a sofrer estresse devido aos problemas psicológicos da doença, necessitando assim de uma intervenção de uma equipe multidisciplinar, para que o



Trabalhadores em tempos de pandemia

mesmo não seja afastado de suas atividades (2021, p.11).

Já o artigo “Síndrome de Burnout em profissionais de saúde antes e durante a pandemia da COVID-19” de Ribeiro et al. (2020) é enfático e contribui com a análise deste artigo ao afirmar que “Foi possível verificar que os profissionais de enfermagem são mais acometidos pela SB” (2020, p. 9-10).

Eles destacam no artigo um fato preocupante:

A síndrome de Burnout está em crescente prevalência no Brasil nos últimos anos. Segundo dados do International Stress Management Association no Brasil (ISMA-BR), no ano de 2019, 72% da população economicamente ativa do país possuíam altos níveis de estresse. Desses, 32% desenvolveram Burnout, com sinais e sintomas característicos (RIBEIRO, et al., 2020, p. 9-10).

Os autores indicam que o ano de 2019, um terço da população ativa no país pode desenvolver a SB, em cenário pandêmica é o caso do ano de 2020 e início de 2021, os números poderão ser maiores. No artigo de Ribeiro et al. (2020), há uma indicação do que pode ser feito para amenizar os impactos do estresse. Para os autores o ambiente de trabalho pautado pelo bem-estar é importante, não apenas para os profissionais da enfermagem, mas “é fundamental para a qualidade de vida da população por ele atendida” (Ribeiro et al., 2020, p. 9-10).

Para os profissionais da educação, a rotina exaustiva do professor foi reconhecida em 1981, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), como uma profissão de risco, o próprio ministério da saúde do Brasil reconhece, por meio de artigo publicado em seu site, intitulado “Saúde dos Professores: Uma Ambiguidade a Resolver”, conforme os autores:

No Brasil, enquanto a mídia noticia quase que diariamente as múltiplas dificuldades enfrentadas pelos professores, dentre as quais se destacam os casos de violência, indisciplina e outras formas de desrespeito; os estudos envol-



Trabalhadores em tempos de pandemia

vendo professores apontam para um cenário de adoecimentos característicos da profissão. Mas, que tipos de doenças estariam acometendo os professores? O que os estaria afastando do seu trabalho? (SILVA-MACAIA, et al., 2020)

Os pesquisadores Silva-Macaia et al.(2020) respondem ao questionamento afirmando que a [...] maior incidência relacionada aos transtornos mentais e comportamentais (o que inclui a já popularizada síndrome de Burnout); acompanhados pelos problemas cardiológicos e circulatórios [...]” entre outros físicos e psicológicos. Os professores já estavam cansados e, agora em meio a pandemia podem estar exaustos.

Araujo et al. (2020), contribui novamente com o artigo “COVID-19, Mudanças em Práticas Educacionais e a Percepção de Estresse por Docentes do Ensino Superior no Brasil”, ao destacar a incidência do estresse, por meio de uma pesquisa empírica, entre os professores do ensino superior brasileiro. Ao total foram pesquisados 456 professores, que responderam um formulário on-line. Os autores “apontam para a existência de fatores de estresse entre os professores que se envolveram em atividades remotas durante a pandemia do COVID-19, com destaque para gênero, área de atuação e habilidades no uso de tecnologia” (2020, p. 866).

Outro trabalho que apoia Ribeiro et al. (2020) e Araujo et al. (2020) é o trabalho de conclusão de curso, na área de Biologia de Ferreira (2020). Ele analisa os professores de biologia do Ensino Médio e expressa que:

O Burnout é decorrente de um processo progressivo de estresse e sentimentos negativos, como desesperança, depressão, solidão, raiva, irritabilidade, entre outros, advindos do ambiente trabalhista e da não realização profissional, quando os sentimentos de estresse se tornam crônicos, o indivíduo é acometido pelo Burnout, deixando-o menos interessado trazendo desgastes e desmotivação profissional Ferreira (2020, p.54).



Trabalhadores em tempos de pandemia

Com as mudanças na rotina de trabalho dos professores, como apontando no início desta pesquisa, podendo causar mais estresse aos trabalhadores da educação e ocasionando a Burnout. Ferreira (2020), acrescenta a esta pesquisa ao afirmar “Todo o desgaste físico, mental, psicológico e financeiro, poderiam ao menos ser amenizado, através da implementação de políticas públicas voltadas ao apoio, bem-estar e proteção do professor” (FERREIRA, 2020, p. 56).

Moreira et al. (2020), no artigo “Dimensões associadas a síndrome de Burnout em professores: uma análise crítica” desta que:

Os professores se comprometem fortemente com a profissão, evidenciado na dimensão Realização Pessoal no Trabalho. Porém, se deparam com condições nem sempre favoráveis para o trabalho resultando em Exaustão Emocional. Somado ao convívio e envolvimento diário com alunos, pais, membros da escola e comunidade acabam por exacerbar o desgaste e desenvolver um mecanismo de proteção, a Despersonalização (MOREIRA, et al., 2020, p. 7).

Os pesquisadores Moreira; Magalhães; De Araújo (2020) apontam, na conclusão de sua pesquisa que “Sabe-se que a Síndrome de Burnout pode gerar além de perda de qualidade de vida dos professores, em implicações pedagógicas. Desse modo, faz-se necessário reconhecer e intervir nos agentes causadores do estresse no cotidiano do professor” (2020, p. 7).

Os autores Matos; Nunes; Almeida (2020) no artigo “Prevalência da síndrome de Burnout em professores durante o período pandêmico de Isolamento social” analisam empiricamente professores que atuam na rede estadual de ensino. Para os pesquisadores o local de trabalho é mais importante do que outros ambientes, como a própria casa do professor. É comum o professor ter duas, três escolas para lecionar, até em único dia e passar mais horas no trabalho que na sua própria casa. Matos; Nunes;



Trabalhadores em tempos de pandemia

Almeida, afirmam que:

A síndrome de Burnout é somente uma das patologias provenientes de distúrbios psicológicos que podem estar afetando os docentes nesse período, sendo ela uma das mais fáceis de analisar, portanto, se faz necessário um estudo mais detalhado sobre outros distúrbios para identificar o real problema ocasionado pelo isolamento social repentino que foi implementada (2020, p. 08).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do ano, em 2021 tem o fato histórico de o Brasil ter mais 200 mil mortes, por causa da COVID-19, mas também há esperança de a vacinação em massa ser iniciada no primeiro semestre de do ano. Em 17 de janeiro, em São Paulo, a primeira mulher a ser vacinada é uma enfermeira. Foi um gesto simbólico, a escolha dessa profissional, de reconhecimento da luta que esses profissionais estão realizando no local de trabalho contra a pandemia.

Os artigos selecionados já alcançaram os objetivos desse trabalho, mesmo na impossibilidade de fazer uma análise ampla de todos artigos publicados, em 2020, sobre a temática estuda. Porém, é possível indicar que todos os artigos, em boa medida demonstram um cenário com educadores e enfermeiros com mais disposição para o estresse, por causa das mudanças sociais, econômicas e no trabalho, e ocasionando até um quadro mais grave do que o estresse, que a síndrome de Burnout.

No cenário pandêmico é necessário ao profissional da psicologia do trabalho ficar ciente as potencialidades que envolvem os trabalhadores desenvolveram a síndrome de Burnout. Espera-se que este artigo possa ajudar psicólogos do trabalho a entenderem melhor as relações de trabalho e o estado mental que vivem os professores e os enfermeiros. Além, disso, deseja-se também que a pesquisa contribua para novos trabalhos na área de forma teórica e empírica com relação ao trabalho, o estresse e a síndrome de Burnout



Trabalhadores em tempos de pandemia

Espera-se que este artigo possa ajudar psicólogos do trabalho a entenderem melhor as relações de trabalho e o estado mental que vivem os professores e os enfermeiros. Além, disso, deseja-se também que a pesquisa contribua para novos trabalhos na área de forma teórica e empírica com relação ao trabalho, o estresse e a síndrome de Burnout.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Renata Mendes de; AMATO, Cibelle A. de la Higuera; MARTINS, Valéria Farinazzo; ELISEO, Maria Amélia; SILVEIRA, Ismar Frango. COVID-19, Mudanças em Práticas Educacionais e a Percepção de Estresse por Docentes do Ensino Superior no Brasil. *Revista Brasileira de Informática na Educação (RBIE)*, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p864> Acesso em: 10 jan. 2021.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de COVID-19. *Em Rede Revista de Educação a Distância* 2020, 7, 257. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ricardo_Soares29/publication/342898499_The_COVID-19_Pandemic_Living_in_the_Anthropocene/links/5f9cd31e92851c14bcf63fd8/The-COVID-19-Pandemic-Living-in-the-Anthropocene.pdf Acesso em: 20 jan. 2021.

BANDYOPADHYAY, S. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): we shall overcome. *Clean Techn Environ Policy* 22, 545–546 (2020). Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10098-020-01843-w#citeas> Acesso em: 20 jan. 2021.

BAUER, Sofia. Como enfrentar a síndrome de Burnout? *Revista Psique*. Edição 129. Novembro de 2016, p.24-29.



Trabalhadores em tempos de pandemia

BECK, Aaron T; BRAD A. Alford. *Depressão: causas e tratamento*. Artmed Editora, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Síndrome de Burnout: o que é, quais as causas, sintomas e como tratar*. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/sau-de-de-a-z/saude-mental/sindrome-de-burnout> Acesso em: 10 dez. 2020.

COMO é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada. Data: 23 de janeiro de 2020. BBC News. [On-line]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51216386>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CORONAVÍRUS: Brasil é um dos mais afetados entre 75 países onde epidemia ainda cresce. BBC News. Rio de Janeiro, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53047836> Acesso em: 20 jan. 2021.

CORONAVÍRUS: o impacto na economia chinesa, e por que isso é uma grande ameaça ao mundo. G1. Rio de Janeiro, 22 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/22/coronavirus-o-impacto-na-economia-chinesa-e-por-que-isso-e-uma-grande-ameaca-ao-mundo.ghtml> Acesso em: 20 jan. 2021.

DAL'BOSCO, E. B; FLORIANO, L. S. M; SKUPIEN, S.V; ARCARO, G., Martins, A. R; ANSELMO, A. C. C.. A saúde mental da enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em um hospital universitário regional. *Rev. Bras. Enferm*, Brasília, v.73, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020001400153&lng=en&nrm=iso Acesso em: 10 dez. 2020.



Trabalhadores em tempos de pandemia

DEMENECH, L. M; DUMITH, S. C; VIEIRA, M. E. C. D; NEIVA-SILVA, L. Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. Rev. bras. epidemiol. 23 de Out 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2020.v23/e200095/#> Acesso em 15 jan 2021.

FIOCRUZ. O que é o novo coronavírus? Publicado em: 03 de fev. de 2020 [On-line]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19> Acesso em: 20 jan. 2021

GESTRADO/UFMG. Docência na Educação Básica privada em tempos de pandemia. Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente: Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/RELATORIO-COMPLETO-1011.pdf> Acesso em: 19 jan. 2021.

HONORATO, H. G.; MARCELINO, A. C. K. B. A arte de ensinar e a pandemia Covid-19: a visão dos professores. REDE – Revista Diálogos em Educação, v. 1, n. 1, janeiro-junho 2020. Disponível em: <http://www.faculdadeanicuns.edu.br/ojs/index.php/revistadialogosemeducacao/article/view/39/18> Acesso em: 17 jan. 2021.

KESTENBERG, Katia Veja. Síndrome de Burnout: o que é, os sintomas e o tratamento. Revista Psicologia Viva, Brasil, 11 de jun. 2020. Saúde. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/sindrome-de-burnout/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

LARRÉ MC; ABUD, ACF; INAGAKI, ADM. A relação da síndrome de Burnout como os profissionais de enfermagem: revisão integrativa. Revista Nursing, 2018; 21, 2018



Trabalhadores em tempos de pandemia

MATOS, A. G. de M.; NUNES, M. Ingrid L. B.; ALMEIDA, T. P. N. C. Prevalência Da Síndrome De Burnout Em Professores Durante O Período Pandêmico De Isolamento Social. VII Congresso Nacional de Educação, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MDI_SA18_ID6279_31082020223352.pdf Acesso em: 10 dez. 2020.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete níveis de ensino. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/niveis-de-ensino/> Acesso em: 01 fev. 2021.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira; FREITAS, Léia Gonçalves de; LOPES, Raquel da Silva; PARENTE, Francilene de Aguiar. Ensino Remoto Emergencial e o Isolamento Social: a precarização da escola pública e do trabalho docente. In: Diálogos críticos, volume 3: EAD, Atividades remotas e o ensino doméstico: cadê a escola? [recurso eletrônico]. UCHOA, Antônio Marcos da Conceição; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza; GONÇALVES, Maria Elizabeth Souza (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://portal.uneb.br/noticias/wp-content/uploads/sites/2/2020/12/013-Di%C3%A1logos-cr%C3%ADticos-volume-3.pdf#page=88> Acesso em: 15 jan. 2021.

MOREIRA, Kellen Campos Castro; MAGALHÃES, Nilva Rosa da Silva; DE ARAÚJO, Mariselenia Martins Silva. Dimensões Associadas a Síndrome de Burnout em Professores: Uma Análise Crítica. REVISTA UNINGÁ REVIEW, [S.l.], v. 35, p. eRUR3220, out. 2020. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/3220> Acesso em: 11 jan. 2021.

OLIVEIRA, Maria Victória. Pesquisa mostra o sentimento de professores em meio à pandemia do coronavírus. Data: 16 de abril de 2020. Porvir Inovações em Educação. Disponível em: <https://porvir.org.br/2020/04/16/pesquisa-mostra-o-sentimento-de-professores-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/>



Trabalhadores em tempos de pandemia

vir.org/pesquisa-mostra-o-sentimento-de-professores-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/ Acesso em: 20 jan. 2021.

ORGAZ, C. J.. Coronavírus: como o avanço da doença já impacta economia do Brasil e do mundo. BBC News Mundo. Publicado: 3 de fevereiro de 2020 [On-line]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51358563> Acesso em: 15 jan. 2021.

POLAKIEWICZ, Rafael. Saúde mental de profissionais de enfermagem na pandemia de coronavírus. Portal PEDBMED. Data: 02 de abril de 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/saude-mental-de-profissionais-de-enfermagem-na-pandemia-de-coronavirus/> Acesso em: 20 jan. 2021.

Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. Publicado: 26 de agosto de 2020, G1. São Paulo [On-line]. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml> Acesso em: 17 jan. 2021.

Profissões com alto índice de depressão: conheça quais são! Psicologia Viva, Brasil, 18 de jun. 2020. Carreira. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/profissoes-com-alto-indicede-depressao/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ROSA, André; FIGUEIREDO, Carolina. Brasil ultrapassa a marca de 200 mil mortos pela Covid-19 da CNN, em São Paulo. Data: 07 de janeiro de 2021 [On-line]. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/07/brasil-ultrapassa-a-marca-de-200-mil-mortos-pela-covid-19>. Acesso em: 10 jan. 2021.



Trabalhadores em tempos de pandemia

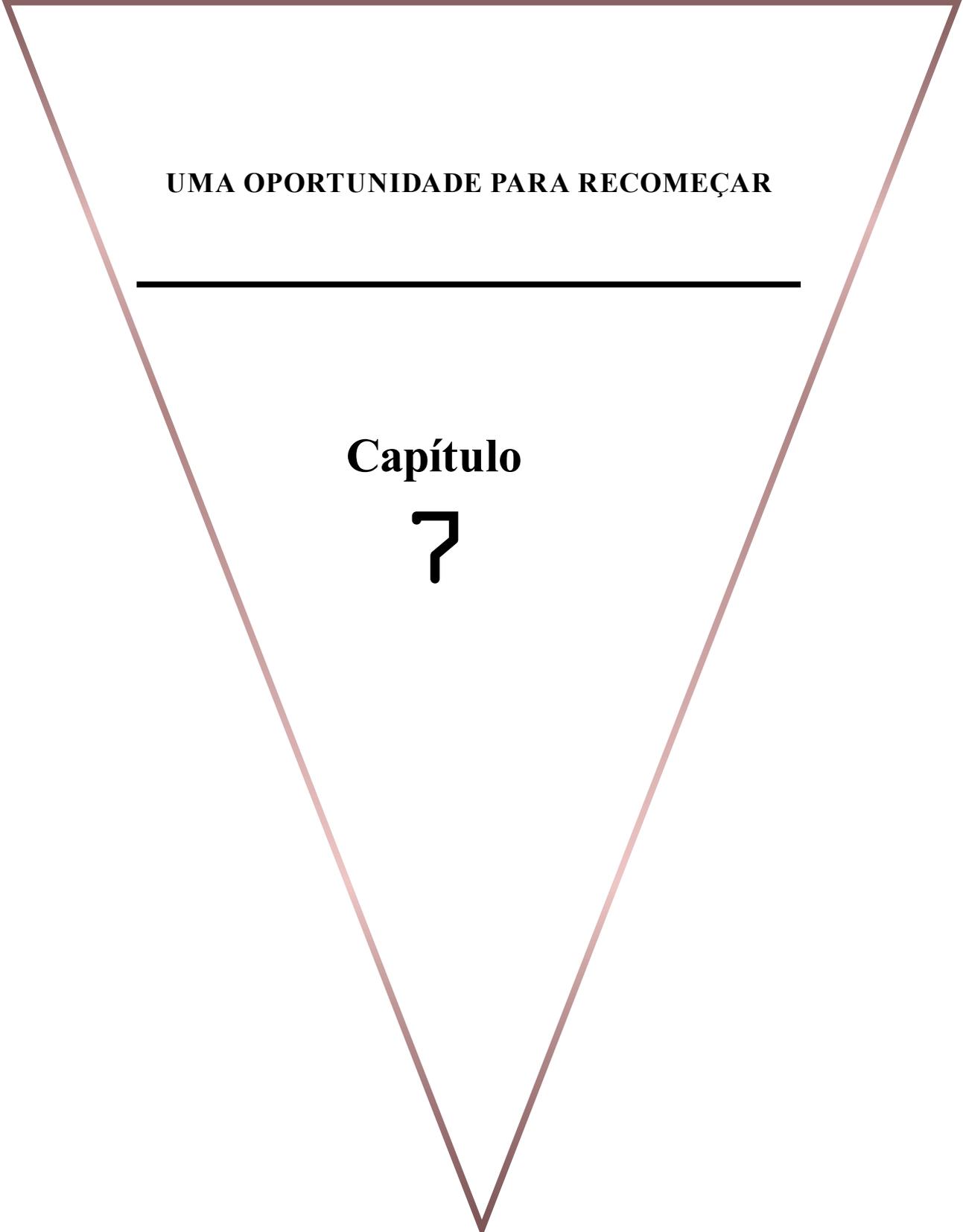
RIBEIRO L. M.; VIEIRA T. de A.; NAKA K. S. Síndrome de burnout em profissionais de saúde antes e durante a pandemia da COVID-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 11, p. e5021, 27 nov. 2020.

SILVA-MACAIA, Amanda Aparecida; FISCHER, Frida Marina; SILVA, Jefferson Peixoto da; PAPARELLI, Renata. Saúde dos Professores: Uma Ambiguidade a Resolver. [On-line], publicado em 31/07/2020. Saúde dos Professores. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/fundacentro/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/seguranca-e-saude-nas-escolas/saude-dos-professores> Acesso em: 10 dez. 2020.

SOBRE os relatos ver Coronavírus: o impacto na economia chinesa, e por que isso é uma grande ameaça ao mundo. G1. Rio de Janeiro, 22 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/22/coronavirus-o-impacto-na-economia-chinesa-e-por-que-isso-e-uma-grande-ameaca-ao-mundo.ghtml> Acesso em: 20 jan. 2021

VASCONCELOS, E. M.; MARTINO, M. M. F.; FRANCA, S. P. S. Burnout e sintomatologia depressiva em enfermeiros de terapia intensiva: análise de relação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.71, n.1, p.135-141, fev. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672018000100135&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 15 jan. 2021.





UMA OPORTUNIDADE PARA RECOMEÇAR

Capítulo
7

UMA OPORTUNIDADE PARA RECOMEÇAR

Samuel Alberto Cardoso¹

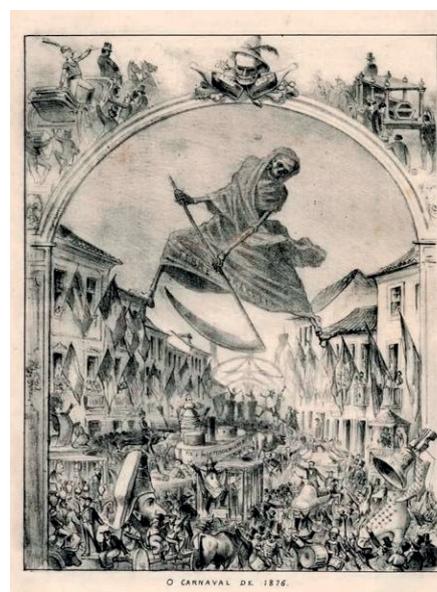
INTRODUÇÃO

Escolhi a figura ao lado para iniciar, não com o intuito de assombrar ou tornar negativo este texto, mas, para trazer um acontecimento pessoal, que já beiram 30 anos, por volta de 1990.

Na casa de meus pais haviam alguns livros sobre saúde e um deles trazia esta ilustração, do italiano Angelo Agostini, caracterizando a morte ceifando vidas devido a febre amarela, em pleno carnaval de 1876.

Lembro-me como hoje, inicialmente pela força da imagem, mostrando um ambiente festivo e ao mesmo tempo mortal, porém, me recordo do alívio em pensar que este mal estaria longe de nos assombrar novamente, como se aquilo fosse de outrora, sem nenhuma chance de ressurgir em nosso cotidiano, aliás, já era coisa do século passado.

E cá estamos nós, em pleno 2021, dois séculos depois, discutindo sobre um momento sem precedentes para nossa geração, que é a pandemia causada pelo SARS-CoV-2, mais conhecido como doença do Coronavírus (COVID-19).



Charge de Angelo Agostini, na Revista Ilustrada, mostra febre amarela atacando foliões do Rio de Janeiro no Carnaval de 1876

¹ Especialista na área de Logística, atua na área de ensino desde 2002 em cursos profissionalizantes, desde 2008 como docente nível técnico no Senac, professor de pós graduação e graduação nas faculdades Faal, Anhanguera e Ined. Atua desde 2003 na área Logística com foco na Administração de materiais, produção e Supply Chain em empresa privada do segmento de moto peças.



Trabalhadores em tempos de pandemia

Pandemia, e agora?

De uma forma geral, as políticas de contenção do COVID-19, afetaram fundamentalmente a maneira como trabalhamos, isso para os que puderam continuar trabalhando. Muitos outros, nem sequer puderam continuar executando suas atividades, muitas vezes interrompendo sua única fonte de renda. Para contextualizar um pouco de minha experiência do trabalho, atuo na área administrativa de uma empresa privada, sou professor em duas instituições, uma de nível técnico e outra de graduação e também sou músico, com uma banda que se apresenta em bares, pubs e outros locais, principalmente aos finais de semana.

Nas artes

O distanciamento social e as medidas de bloqueio fecharam os locais de trabalhos para um conjunto imenso de profissionais, dentre eles um dos quais faço parte, que é a área de entretenimento. Apresentações musicais e artísticas foram uma das primeiras que deixaram de existir e isto atingiu toda uma classe, que muitas vezes tiveram dificuldades até mesmo em se manter com necessidades básicas. Uma pesquisa da ONG britânica Help Musicians diz que quase 90% dos músicos sentiram a saúde mental piorar na pandemia. Com toda certeza, uma das classes profissionais mais afetadas pela COVID-19, já que shows foram cancelados e isso teve um impacto profundo na vida dos artistas.

Este tema foi objeto de estudo de Klissy Kely Guimarães, Musicista, compositora e Mestre em Ciências Humanas pela UEA Universidade do Estado do Amazonas. De acordo com o levantamento realizado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Amazonas - SEC/AM, pouco mais de quatro mil profissionais da cultura foram afetados negativamente pela pandemia no estado. “Mais de 50% dos cadastrados responderam que atuam há mais de 10 anos em suas respectivas áreas, e a maioria realizava atividades culturais três ou mais vezes por semana. Mais de



Trabalhadores em tempos de pandemia

60% dos participantes também informou renda familiar mensal de até um salário mínimo” (Portal SEC², 2020).

↪ A cientista concluí “Além da paralização de shows musicais, para os artistas de modo geral, produzir música em Manaus no contexto pandêmico se tornou um desafio ainda maior, visto a impossibilidade de realizar ensaios ou gravações dentro dos moldes já conhecidos. Seria necessária uma reinvenção do modo de produção musical e do fazer musical em si. Neste sentido a tecnologia, por meio de aplicativos, redes sociais dentre outros aparatos, veio ao encontro da necessidade de adaptação de diversos artistas, músicos e profissionais em geral, aumentando assim produções do tipo Lo-fi³”.

Todavia, até que isso fosse possível seria fundamental acalmar os ânimos e pensar em alternativas de viabilizar e se manter no trabalho com a música.

Na educação

Dentro da área educacional, os impactos também foram inúmeros. Desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes deixaram de frequentar as atividades presenciais nas mais de 180 mil escolas de ensino básico espalhadas pelo Brasil como forma de prevenção à propagação do COVID-19. De uma forma geral, pudemos observar um grande suporte e adaptações, porém a grande diversidade social e econômica, que já é caótica mesmo fora do contexto da pandemia, acabou sendo mais desafiador e impactante dentro deste cenário.

No caso da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, a maior do país, cerca de 3,8 milhões de estudantes e quase 200 mil educadores tiveram um curto período de tempo para se adaptar, não somente com relação ao modo de vida diante de um terrível problema de saúde, mas também, um novo

2 Dados obtidos pelo link: <https://cultura.am.gov.br/portal/mais-de-4-mil-artistas-eprofissionais-se-cadastram-em-mapeamento-do-governo-do-amazonas/> Acesso em: 06 out. 2020.

3 Lo-fi – Produção musical de baixo custo



Trabalhadores em tempos de pandemia

modo de ensino e aprendizado, alterando o modelo tradicional presencial por um novo, auxiliado pela tecnologia. Destaco a seguir alguns decretos e resoluções ocorridos durante a pandemia no ensino do estado de São Paulo.

•Decreto nº 64.864, de 16/3/2020 – Suspensão das aulas – Como medida de segurança, as aulas na rede estadual de São Paulo começaram a ser suspensas desde o dia 19 de março de 2020. A partir do dia 23 de março de 2020, 100% das atividades presenciais ficaram suspensas.

•Resolução Seduc, de 18/3/2020 – Homologação do ensino a distância – A Secretaria Estadual da Educação homologou a deliberação aprovada pelo Conselho Estadual que permite que atividades realizadas por meio de EAD (ensino a distância) aos alunos do ensino fundamental e médio, durante o período de suspensão das aulas, possam ser computadas como dias letivos. O documento foi publicado no Diário Oficial no dia 19 de março de 2020.

•Decreto nº 64.891, de 30/3/2020 – Merenda em Casa – O primeiro pagamento do programa Merenda em Casa, referente ao mês de abril, foi realizado no dia 8. Cerca de 732 mil estudantes da rede estadual vão receber subsídio no valor-base de R\$ 55 mensais para a compra de alimentos. Durante dois meses, o benefício dobra e passa para R\$ 110 a 113 mil alunos em situação de extrema pobreza.

Conforme estes decretos e resoluções, podemos nos situar acerca das mudanças que ocorreram no processo de ensino e também refletir sobre as desigualdades brasileiras, não somente com o público discente, que muitas vezes se encontravam vulneráveis, com condições socioeconômicas próximas a miséria, mas também as condições de trabalho dos docentes, que em curto período de tempo precisaram se adaptar as condições que o momento pedia, principalmente no que tange a conexão, disponibilidade de hardware e softwares necessários para as aulas remotas.

Conforme o pesquisador Alexandre Schneider, da Universidade Columbia em Nova York e da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, utilizamos mais tempo discutindo quando iria abrir ou



Trabalhadores em tempos de pandemia

não escolas e dedicamos poucos esforços a medir os impactos das políticas educacionais implementadas. Schneider completa “Talvez aqui resida uma questão para escutar a comunidade escolar: que políticas públicas e programas faltaram, na pandemia, de apoio à aprendizagem?”

Contudo, algo estava além de protocolos, tecnologia e plataformas, a empatia e o entendimento de que todos nós estávamos no mesmo barco. E isto criou de uma atmosfera de cooperação, apoio e afetividade entre professores e alunos, gerando soluções simples, práticas, tais como envio de mensagens, ligações, e-mails e qualquer outro modo de interação. Trazendo desta forma a continuidade da educação além de um suporte psicológico e humanitário.

Nas empresas

A Pandemia impactou duramente a economia brasileira, que em um primeiro momento, causou incertezas, pois muito pouco se conhecia sobre o vírus e seus impactos. E isto ocorreu não somente no Brasil, mas em todo o Mundo. Isto causou uma forte queda da atividade econômica e redução do consumo. Com isto, as empresas foram obrigadas a reduzir as escalas de trabalho, mantendo a força de trabalho em casa, principalmente pelos riscos de saúde, mas também pela falta de demanda e altos estoques. É fato que algumas áreas acabaram tendo um aumento na produção, devido as condições trazidas pela pandemia, tais como, produção de máscaras, respiradores, delivery de alimentos, indústria de colchões (pois as pessoas passaram a ficar mais em casa), indústria da tecnologia, e-commerce, etc. Porém, uma maioria esmagadora de negócios se viram com pouco ou nenhuma necessidade de produção.

Desta forma, com vistas a apoiar as empresas e negócios, o governo brasileiro lançou as seguintes medidas de apoio:

- Auxílio emergencial - Benefício financeiro destinado aos trabalhadores informais, micro-



Trabalhadores em tempos de pandemia

empreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, com o objetivo de fornecer proteção emergencial no período da crise causada pelo COVID-19.

•Vamos vencer: Medidas de apoio ao setor produtivo - Ministério da Economia publica informações oficiais e atualizadas aos empresários sobre o trabalho emergencial feito pelo governo federal. Medidas excepcionais e temporárias para manter empregos durante o estado de calamidade pública.

•Manutenção do emprego e da renda - Programa Emergencial oferece medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública. O benefício poderá ser pago quando houver redução proporcional de jornada de trabalho e de salário; e suspensão temporária do contrato de trabalho.

Muitos foram os desafios operacionais enfrentados pelas empresas durante esse período, além das dificuldades de demanda e oferta de matérias primas, muitas empresas tiveram que enfrentar o afastamento de funcionários contaminados pela COVID-19. As empresas tiveram que se adaptar as novas regras de funcionamento, com capacidade reduzida, medidas de distanciamento, de higienização, entre outras.

Outro problema que trouxe muitas dificuldades nas empresas foi a falta de matéria prima ou dificuldade de entrega dos fornecedores, principalmente nos setores da construção e da indústria, um desarranjo na cadeia produtiva global que continua dificultando o retorno à normalidade da operação de muitas empresas até os dias de hoje.

E sobre o recomeço, o que podemos aprender?

“Estamos meu bem, por um triz, pro dia nascer feliz...”.

Cazuza (1983)



Trabalhadores em tempos de pandemia

A vacinação nos trouxe uma sensação de liberdade, embora ainda dentro de novos padrões, como por exemplo, o uso de máscara em todos os espaços públicos.

Começamos a ver estabelecimentos comerciais, parques, escolas e até cinemas com portas abertas e isto nos faz sentir mais confiança, passamos a nos sentir prontos para estar novamente nas ruas, retomando velhos costumes, como por exemplo, se exercitar em espaços públicos, caminhar ao ar livre, andar de bicicleta pela cidades, sem medos ou receios.

Como profissional, me manter apoiado na arte, na educação e na iniciativa privada, garantiram oportunidades e aprendizados que me fizeram continuar em pé e pronto para desafios.

As incertezas persistem, existem preocupações com novas ondas, variantes e uma série de riscos, os quais passamos a estar mais atentos por todas as lições aprendidas. Porém, será que já podemos pensar no recomeço? Eu acredito que sim.

Certamente estamos mais maduros e aptos a lidar com os imprevistos, com práticas de trabalho remoto e uma cultura digital muito mais difundida. Precisaremos buscar em todo esse conhecimento adquirido nos meses mais duros da pandemia a força para superar a inevitável recessão econômica.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apesar de um alto número de infecções e fatalidades que ainda ocorrem no Brasil, a economia se recuperou fortemente no fim de 2020. O PIB deve crescer 3,7% em 2021 e 2,5% em 2022 devido a um aumento progressivo do consumo das famílias e do investimento.

As empresas voltaram a produzir, o brasileiro voltou a consumir, talvez até como forma de compensar a demanda reprimida por tantos meses, a roda voltou a girar. Mas os efeitos colaterais da crise de saúde pública sobre a economia continuarão a ser sentidos ainda por bastante tempo.

Somos um País majoritariamente de micro e pequenas empresas. Juntas, elas representam 99% dos negócios brasileiros, respondem por 30% de tudo que é produzido no país e são responsáveis por 55% dos empregos gerados no Brasil, conforme o Sepec/ME⁴.

4 Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade do Ministério da Economia



Trabalhadores em tempos de pandemia

Se ter um pequeno negócio em um País com tantos impostos e suscetibilidades socioeconômicas e políticas nunca foi fácil, neste período, a missão tornou-se, de fato, impossível para inúmeros micros, pequenos e até médios empresários. Ande pelas ruas e veja a quantidade de lojas e restaurantes que fecharam as portas.

Chegou a hora de transformarmos a onda de solidariedade que vivenciamos nos últimos tempos em impulso para a recuperação das pessoas e dos negócios mais afetados pela economia. Do ponto de vista corporativo, é o momento de pensar em novos modelos de negócios que façam sentido para apoiar aqueles que sofreram o maior impacto em meio a pandemia.

A era pós-pandemia exige que lancemos um novo olhar sobre a forma como trabalhamos e sejamos capazes de buscar saídas que prezem pela sustentabilidade financeira, não só nossa, não só dos nossos clientes, mas de todo um país que viu sua economia ir ao fundo do poço. O primeiro passo para isso é assumirmos desde já que a responsabilidade também é nossa e que o futuro pode ser criado, com muita força, fé e solidariedade. Eis a oportunidade para recomeçar.

REFERÊNCIAS

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

AGOSTININI, Angelo. O Carnaval de 1976. Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, Anno 1, Número 10, p. 8, Março, 1976.

GUIMARÃES, Klissy Kely. A COVID-19 e seu impacto no campo musical em Manaus: relações de poder, resistências e re-existências. Revista Wamon, Manaus, Volume 5, Número 2, p. 41-54, Fevereiro, 2021.



Trabalhadores em tempos de pandemia

DE SOUZA MORAES, Janyelton; BRITO E SILVA, Anne Heracléia. (2021). A formação e desenvolvimento do professor de ensino superior: Um estudo sobre suas dificuldades em se adaptar às novas tecnologias e às necessidades nesse processo em meio à pandemia. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, 8(1), p. 814–829, Junho, 2021.

A HIDDEN mental health crisis for musicians. Help Musicians UK, Reino Unido, 11 de março de 2021. Disponível em: <https://twitter.com/HelpMusiciansUK/status/1369927451841880065> Acesso em: 20 set. 2021.

GRABOWSKI, Gabriel. Educação na pandemia: o que avaliar e por quê? *Extraclasse*, 2021. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniaio/2021/06/educacao-na-pandemia-o-que-avaliar-e-por-que/> Acesso em: 27 set. 2021.

RETRATO econômico do Brasil. OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), França, Maio de 2021. Disponível em: <https://www.oecd.org/economy/retrato-economico-do-brasil/> Acesso em: 30 set. 2021.

GOVERNO destaca papel da Micro e Pequena Empresa para a economia do país. GOV.BR (Ministério da Economia), Brasil, 05 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/outubro/governo-destaca-papel-da-micro-e-pequena-empresa-para-a-economia-do-pais> Acesso em: 30 set. 2021.



Política e Escopo da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



A Humanas em Perspectiva (HP) é uma coleção de livros publicados anualmente destinado a pesquisadores das áreas das ciências humanas. Nosso objetivo é servir de espaço para divulgação de produção acadêmica temática sobre essas áreas, permitindo o livre acesso e divulgação dos escritos dos autores. O nosso público-alvo para receber as produções são pós-doutores, doutores, mestres e estudantes de pós-graduação. Dessa maneira os autores devem possuir alguma titulação citada ou cursar algum curso de pós-graduação. Além disso, a Coleção aceitará a participação em coautoria.

A nossa política de submissão receberá artigos científicos com no mínimo de 5.000 e máximo de 8.000 palavras e resenhas críticas com no mínimo de 5 e máximo de 8 páginas. A HP irá receber também resumos expandidos entre 2.500 a 3.000 caracteres, acompanhado de título em inglês, abstract e keywords.

O recebimento dos trabalhos se dará pelo fluxo contínuo, sendo publicado por ano 10 volumes dessa coleção. Os trabalhos podem ser escritos em português, inglês ou espanhol.

A nossa política de avaliação destina-se a seguir os critérios da novidade, discussão fundamentada e revestida de relevante valor teórico - prático, sempre dando preferência ao recebimento de artigos com pesquisas empíricas, não rejeitando as outras abordagens metodológicas.

Dessa forma os artigos serão analisados através do mérito (em que se discutirá se o trabalho se adequa as propostas da coleção) e da formatação (que corresponde a uma avaliação do português e da língua estrangeira utilizada).



Trabalhadores em tempos de pandemia

O tempo de análise de cada trabalho será em torno de dois meses após o depósito em nosso site. O processo de avaliação do artigo se dá inicialmente na submissão de artigos sem a menção do(s) autor(es) e/ou coautor(es) em nenhum momento durante a fase de submissão eletrônica. A menção dos dados é feita apenas ao sistema que deixa em oculto o (s) nome(s) do(s) autor(es) ou coautor(es) aos avaliadores, com o objetivo de viabilizar a imparcialidade da avaliação. A escolha do avaliador(a) é feita pelo editor de acordo com a área de formação na graduação e pós-graduação do(a) professor(a) avaliador(a) com a temática a ser abordada pelo(s) autor(es) e/ou coautor(es) do artigo avaliado. Terminada a avaliação sem menção do(s) nome(s) do(s) autor(es) e/ou coautor(es) é enviado pelo(a) avaliador(a) uma carta de aceite, aceite com alteração ou rejeição do artigo enviado a depender do parecer do(a) avaliador(a). A etapa posterior é a elaboração da carta pelo editor com o respectivo parecer do(a) avaliador(a) para o(s) autor(es) e/ou coautor(es). Por fim, se o trabalho for aceito ou aceito com sugestões de modificações, o(s) autor(es) e/ou coautor(es) são comunicados dos respectivos prazos e acréscimo de seu(s) dados(s) bem como qualificação acadêmica.

A nossa coleção de livros também se dedica a publicação de uma obra completa referente a monografias, dissertações ou teses de doutorado.

O público terá acesso livre imediato ao conteúdo das obras, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Índice Remissivo



C

Covid-19

página 77

página 80

página 81

página 96

página 101

E

Educação

página 71

página 83

página 98

página 102

Ensino

página 44

página 69

página 70

página 73

página 99



Trabalhadores em tempos de pandemia

P

Pandemia

página 76

página 84

página 97

página 100

página 103

Professor

página 72

página 78

página 82

página 85

página 87

T

Trabalho

página 12

página 14

página 75

página 83

página 88





Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA